

O MAIOR DA HISTÓRIA!

COBERTURA COMPLETA:

**PARTICIPAÇÃO DA
MINISTRA DA SAÚDE,
NÍSIA TRINDADE**

**PALCO PRINCIPAL
COM DEBATES SOBRE
INTEGRAÇÃO PÚBLICO-
PRIVADA E OS RUMOS DA
SAÚDE SUPLEMENTAR**

**PALCOS ESTRATÉGICOS
COM TEMÁTICAS ESG,
VBHC, INTELIGÊNCIA
ARTIFICIAL E O PAPEL
DO MÉDICO**



03

Abertura

48

Startups

07

Palco Principal

52

Palco Estratégico
VBHC

23

Sessão Pôster

56

Visão Acadêmica

26

Palco Estratégico
ESG

68

Pré-Conahp

34

Lançamento Anahp

70

Confraternização

35

Palco Estratégico
O Papel do Médico

71

Encerramento

43

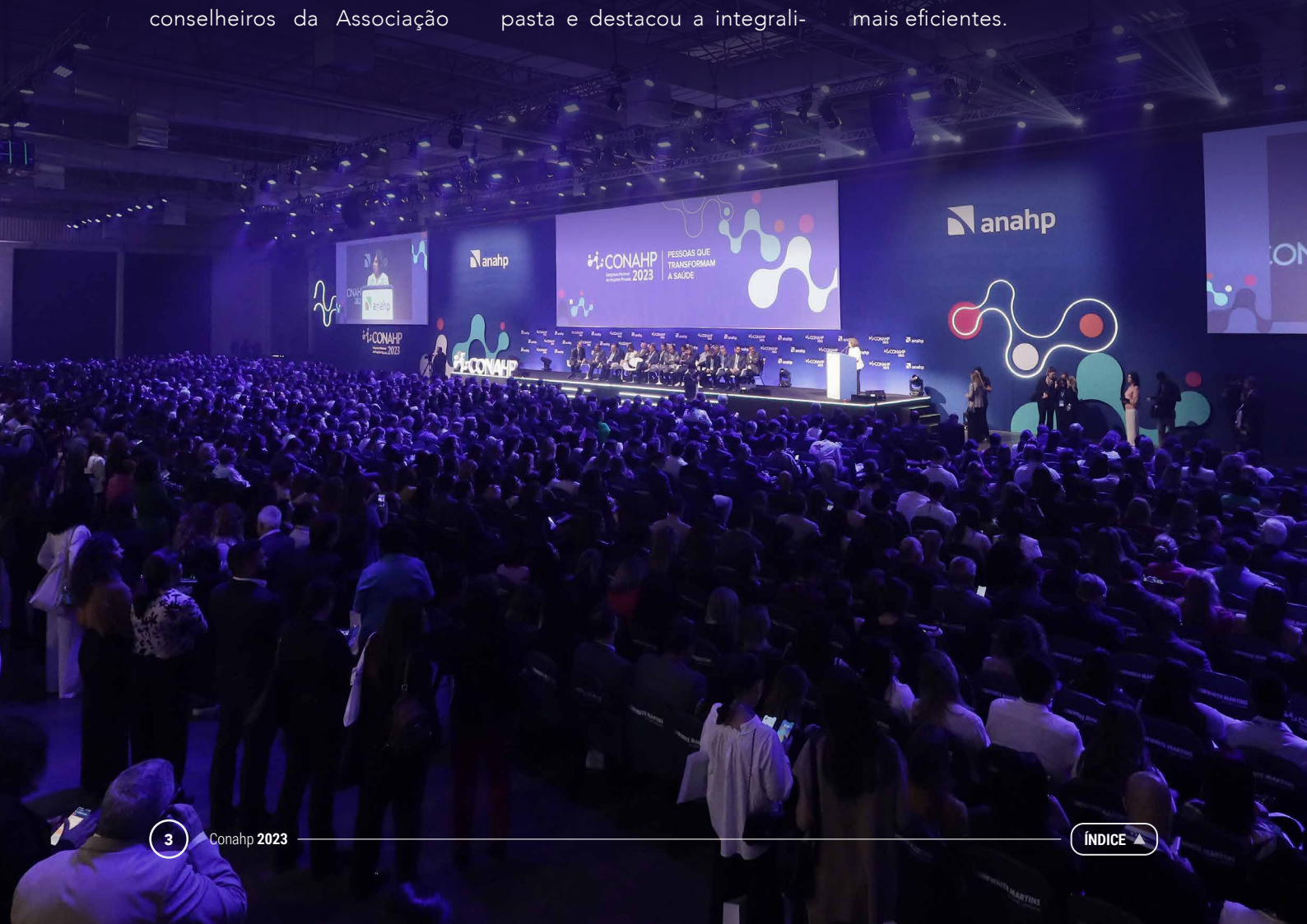
Palco Estratégico
Inteligência Artificial

O MAIOR CONAHP DA HISTÓRIA!

O Congresso Nacional de Hospitais Privados – Conahp 2023 abriu as portas no dia 18 de outubro e, com a casa cheia – 5.396 pessoas passaram por lá – recebeu autoridades, parlamentares, conselheiros da Associação

Nacional de Hospitais Privados – Anahp, e representantes de todos os elos da saúde. Como convidada de honra, esteve presente a ministra da Saúde, Nísia Trindade, que falou sobre as prioridades da pasta e destacou a integrali-

dade como um ponto central para encontrar soluções para desafios como incorporação tecnológica, inovação, integração de dados, diálogo entre todas as frentes da saúde e parcerias público-privadas mais eficientes.



“É hora de pensarmos a integralidade. O SUS é o maior sistema universal do mundo e mostrou sua potência com todos os problemas que enfrentamos com a pandemia, mas temos que avançar. (...) A organização a partir da atenção primária tem que se tornar, de fato, realizada, e a atenção de média e alta complexidade precisa avançar com a mesma compreensão. Para isso, a parceria entre o setor público e o privado é fundamental. É nesse sentido que temos travado um diálogo muito intenso e produtivo com a Anahp”, declarou a ministra em sua fala durante a abertura do evento.

O presidente do Conselho de Administração da Anahp, Eduardo Amaro, também esteve presente na cerimônia e reforçou a importância da aproximação com o Ministé-

rio da Saúde para avançar em pautas que têm tomado conta do setor suplementar. “A saúde suplementar brasileira – que sempre foi prioridade na nossa agenda por conta

da natureza das nossas instituições hospitalares – vive um momento difícil, desafiador, e que depende principalmente de nós, prestadores, operadoras, indústria e contratantes para mudar os rumos deste cenário. Mas para que isso seja possível, é preciso diálogo, é preciso disposição do setor, é preciso ter vontade de fazer as coisas acontecerem”, disse.

Fazendo um panorama sobre a evolução da saúde no Brasil e reconhecendo conquistas e fraquezas, Antônio Britto, diretor-executivo da Anahp, enalteceu o debate aberto e democrático em favor da mudança que se busca. “O Conahp está aqui, mais forte que nunca,



Nísia Trindade, ministra da Saúde, discursando durante a abertura oficial do Conahp e fala em integralidade como chave para o setor



O presidente do Conselho de Administração da Anahp, Eduardo Amaro, em sua fala na abertura do evento

para com um de seus braços saudar o que conquistamos. E com o outro, questionador como sempre, apontar que há um futuro a conquistar e um presente a corrigir. E isso tem que ser feito já, agora e aqui com premissas como a discussão democrática, pluralista, que recebe e acolhe a todos exatamente porque a saúde, acima e além dos textos legais, tem que ser construção da sociedade e do Estado. Feita por todos”, afirmou.

Denise Santos, CEO da BP – A Beneficência Portuguesa de São Paulo e presidente da Comissão Científica do Conahp 2023, fez um convite para que os congressistas e

convidados participassem do evento pensando em conexão. “Temos muita coisa para arrumar, e está sendo um ano difícil. Passamos por um desafio impensável, que foi a

pandemia, e ainda estamos recolhendo cacos. Mas acho que agora é a hora de conexão. Está na hora de conectar de verdade, todos os setores da saúde”, finalizou.



Antônio Britto, diretor-executivo da Anahp, fala sobre desafios presentes e caminhos para o futuro



Denise Santos, CEO da BP, foi a presidente da Comissão Científica do Conahp 2023 e falou sobre a importância da conexão durante abertura do evento



Esta edição do congresso reuniu ao todo 115 palestrantes, entre nomes nacionais e internacionais, e 111 parceiros e patrocinadores (que você pode conferir ao final desta publicação) em uma área de exposições exclusiva com empresas de diferentes segmentos, como indústria farmacêutica, serviços, equipamentos, tecnologia, consultoria, laboratórios, financeiro, hospitais, engenharia e outros.

HOMENAGEM ESPECIAL: PESSOAS QUE TRANSFORMAM A SAÚDE

Seguindo a prática de destacar pessoas que fazem a diferença no setor hospitalar por seu comprometimento e competência, a abertura do Conahp também contou com a presença da Irmã Lúcia Boniatti, que há quase 20 anos é presidente do Hospital Mãe de Deus, associado Anahp. A executiva recebeu uma homenagem especial em reconhecimento à sua dedicação em uma gestão exemplar acompanhada de humanismo e respeito.

Durante a cerimônia, Boniatti discursou e falou sobre seu compromisso com o cuidado e a missão que entende como sua diante das necessidades do país. Além disso, também reforçou a valiosa aproximação entre os setores público e privado para o avanço da saúde no Brasil. “Eu sou uma entusiasmada e quero dizer que eu tenho coragem para seguir em frente, nós temos que trabalhar muito mais, na minha visão. A parceria entre governo e iniciativa privada são os pilares que levam adiante a nossa sociedade”, disse. E finalizou: “Eu tenho uma gratidão infinita por esse momento, me faz lembrar tantas coisas feitas, mas muitas ainda a fazer. Então, quero dividir essa homenagem com todos aqueles que fazem parte da família Mãe de Deus e, por que não, com toda essa grande família que está aqui, que é responsável por nos qualificarmos e mudarmos o ponto de vista da nossa saúde no Brasil”.





PALCO PRINCIPAL

PARCERIA ENTRE OS SISTEMAS PÚBLICO E PRIVADO E OS RUMOS DA SAÚDE SUPLEMENTAR

Tendo como pano de fundo o enfrentamento de uma das maiores crises do setor, a programação do Palco Principal do Conahp 2023 foi pensada para abrir diálogo junto a todas as áreas da saúde e, assim, encontrar caminhos para combater problemas estruturais que vêm prejudicando progressivamente o acesso

da população à assistência de qualidade.

Para enriquecer o debate, participaram representantes da saúde pública em suas mais diversas frentes e também da saúde suplementar – desde agências, operadoras, indústria e prestadores. Nomes como Helvécio Magalhães, se-

cretário de Atenção Especializada do Ministério da Saúde; Nelson Teich, ex-ministro da Saúde; Paulo Rebello, diretor-presidente da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS); e Ana Estela Haddad, secretária de Saúde Digital do Ministério da Saúde, marcaram presença nos debates, entre tantos outros.

SAÚDE ENFRENTA DEMANDAS DO SÉCULO 21 COM SOLUÇÕES DA DÉCADA DE 1970

A saúde está tentando atender a uma nova realidade de doenças crônicas com um modelo para doenças agudas, alertaram os especialistas do painel que abriu o Conahp 2023, "Com a crescente demanda do SUS, quais as reais necessidades do MS e os caminhos viáveis para a integração público-privada na saúde de forma efetiva e estruturada?".

O debate contou com a apresentação de Helvécio Magalhães, secretário de Atenção Especializada do Ministério da Saúde, além da participação de Arthur Aguilar, diretor de Políticas Públicas do Instituto de Estudos para Políticas So-

ciais (IEPS); Eugênio Villaça, consultor do Conselho Nacional das Secretarias de Saúde (Conass); Gonzalo Vecina, médico e professor da Faculdade de Saúde Pública da USP; Mauro Junqueira, secretário-executivo do Conasems; Nelson Teich, ex-ministro da Saúde; e o moderador Paulo Chapchap, conselheiro estratégico no Negócio de Hospitais e Oncologia da Dasa e vice-presidente da Comissão Científica do Conahp 2023.

"Tratamos problemas do século 21 com abordagens desenvolvidas nos anos 1970 pelo INAMPS", declarou o secretário Helvécio Magalhães em sua

fala. Para ele, a fragmentação da assistência, presente nas redes pública e privada, é o principal motivo para o atraso. "É um formato contra a integração", resumi.

Villaça contribuiu apontando que a transição das condições epidemiológicas ocorreu muito mais rápido do que as mudanças na estrutura de atendimento. "É uma Ferrari contra um Fusca, por isso temos esse gap entre as necessidades reais e o que é oferecido", comparou.

Junqueira chamou a atenção para a crise financeira e afirmou que não há como debater as melhorias para a saúde sem



O secretário de Atenção Especializada do Ministério da Saúde, Helvécio Magalhães, em sua fala durante painel no Conahp

falar de financiamento. “No SUS, temos muito pouco dinheiro para fazer tudo o que precisamos”, avaliou. E Aguilhar complementou dizendo que a necessidade de aprimorar a gestão não deve servir para relativizar a urgência pelo aumento no orçamento. “Precisamos de mais recursos inclusive para buscar eficiência operacional”, esclareceu.

Vecina incluiu na equação a necessidade de planejar. “Não podemos deixar as coisas irem acontecendo de acordo com o andar da caruagem”, advertiu. O professor voltou à questão público-privada e indicou que a integração deve ser uma das estratégias para corrigir os problemas. “Essa cooperação já ocorre com sucesso em áreas específicas”, declarou.

Com dados do ministério, Magalhães mostrou que mais de 70% dos procedimentos de alta complexidade e quase 50% dos de média complexidade no SUS já são feitos pela rede privada, seja em unidades filantrópicas ou com fins lucrativos. Vecina acrescentou que em hemodiálise, por exemplo, a participação chega a 85%. “Podemos fazer o mesmo em outras áreas de baixa prevalência e alto custo”, sugeriu.

No entanto, o professor ponderou que é preciso uma estratégia bem elaborada, com base em escala econômica. “Vamos ter que assumir que não vai ter tudo em todo lugar e a iniciativa privada deve concordar com investimentos de risco compartilhado, sobretudo para a incorporação tecnológica”, completou Vecina.

Para o ex-ministro da Saúde, Nelson Teich, as questões devem ser tratadas com realismo para que não tenhamos apenas promessas, mas sim entregas reais. Entrar numa corrida por inovação, ilustrou, é coisa para país rico e “nós não somos um país rico”. “Escolhas são inevitáveis. Se o gestor não faz as escolhas, o sistema vai fazer por ele. E o sistema decide sempre para o lado mais forte”, finalizou.

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.



O primeiro debate do Palco Principal contou com a presença dos debatedores Gonzalo Vecina, Eugênio Vilaça, Helvécio Magalhães, Arthur Aguilhar, Mauro Junqueira e Nelson Teich

PERSISTÊNCIA E CAPACIDADE DE GESTÃO SÃO CHAVES PARA SUCESSO NA INTEGRAÇÃO PÚBLICO-PRIVADA

Seguindo a temática da integração público-privada, o segundo painel do Palco Principal do Conahp trouxe o debate “Cases de sucesso – Integração público-privada na prática”. Além da moderadora Ana Maria Malik, professora titular da FGV-EAESP, participaram Arnaldo Hossepian, diretor-presidente da Fundação Faculdade de Medicina; Flavio Deulefeu, presidente do Instituto de Saúde e Gestão Hospi-

talar e presidente do Ibross; e Jorge Oliveira, presidente do Grupo Promédica.

Os debatedores compartilharam experiências de integração público-privadas no contexto da saúde brasileira onde, segundo eles, numa visão geral e compartilhada, cabem diversos modelos de gestão e de assistência dadas as características do país. “Vemos que o SUS tem uma

dimensão tão grande, fantástica, e cabem nela diversos modelos. E não posso dizer que algum específico é melhor, mas resta aos gestores compreender as vantagens e desvantagens de cada um para poder utilizar o que mais se encaixa à necessidade local”, disse Malik.

Os participantes, então, destacaram aspectos valiosos das questões que envolvem as relações dos setores público e



Arnaldo Hossepian, Flavio Deulefeu, Jorge Oliveira e a moderadora Ana Maria Malik em debate no Palco Principal

privado na saúde que ajudam a compreender um pouco mais como os negócios se dão neste cenário e que são um incentivo ao comprometimento e persistência.

Deulefeu lembrou que a integração entre os setores passou a ser fundamental a partir do aumento da demanda provocada pela garantia de saúde a todos, que o Estado por si só não consegue atender. E este modelo, visto historicamente em países com grande avanço democrático, parece ser um “caminho natural do mundo”.

E, para o presidente do Ibross, ter sucesso neste cenário é muito mais sobre saber alocar os recursos e persistir: “No caso da gestão, às vezes o tempo é capaz de validar se aquilo é importante ou não (...). E o desafio do setor público é que onde há recursos sempre vai haver gente oportunista e, às vezes, pouca capacidade gerencial”, declarou.

Já Oliveira chamou a atenção para a questão que envolve a segurança jurídica nesse tipo de parceria, considerando os riscos e também a necessidade de melhor compreensão do conceito. “A segurança jurídica em contratos de longo prazo é sempre um viés muito difícil de administrar, se um contrato for prever todas as possibilidades de transação, se torna inviável. Então, o bom senso nasceu para resolver determinadas questões (...). Mas eu acho que os problemas maiores que nós enfrentamos estão relacionados à falta de difusão do conhecimento do conceito de parceria público-privada, que tem que nascer de uma fusão de riscos”, esclareceu.

A integração de dados também entrou na pauta como item prioritário para que projetos de parceria evoluam e sejam mais eficientes. Para Hossepian, à frente da Fundação Faculdade de Medicina, nisto está incluído fazer melhor uso do que o sistema público oferece: “Quando a Inteligência Artificial domina, é mais do que chegada a hora do Ministério nos dar acesso a dados, para que tenhamos mais conhecimento e mais possibilidade de otimizar os recursos públicos”.

Segundo o que relatou Flavio Deulefeu, entre os serviços

hospitalares mais bem avaliados por estudo do Ibross, 40 deles eram considerados mais eficientes que os demais por desenvolverem uma governança de dados cada vez mais clara, trabalharem em linhas de cuidado e nos mapeamentos de processos. “Não dá para fazer esse caminhar sem ter informação. Acreditamos que a grande mudança da nossa era é a Inteligência Artificial, e os dados são peças fundamentais à integração”, disse.

Jorge Oliveira, que à frente da Promédica, administra o Hospital do Subúrbio, na Bahia, falou sobre a importância de não apenas monitorar resultados, mas também disponibilizá-los. “O Hospital do Subúrbio é o mais público que eu conheço apesar de não ser gerenciado pelo setor público. Mas isso porque seus dados – qualquer taxa, qualquer indicador – estão disponíveis online, e qualquer usuário pode saber quais são e o que está sendo cumprido”, exemplificou.

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

O CAMINHO DA INCORPORAÇÃO TECNOLÓGICA COMEÇA PELAS NECESSIDADES BÁSICAS E ATUAIS DO SETOR



Incorporar tecnologias aos processos da saúde é mandatário. Mas, diante das inúmeras possibilidades disponíveis, a questão passou a ser sobre como fazer essa incorporação de maneira eficiente e também responsável do ponto de vista de sustentabilidade das instituições e do sistema. Para falar sobre isso, o Conahp abriu espaço para o tema “Um país em desenvolvimento com um processo de incorporação tecnológica de país desenvolvido: como equilibrar esta equação?”.

Sob a moderação de Emerson Gasparetto, diretor geral de Negócios Hospitalares e Oncologia na Dasa, participaram do debate Alexandre Fioranelli, diretor de Normas e Habilitação dos Produtos no DIPRO/ANS; Denizar Vianna, professor titular da UERJ e ex-secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde; Luis Fernando Rolim Sampaio, diretor-executivo da Seguros Unimed; e Renato Porto, presidente da Interfarma.

É consenso que, no Brasil, há entraves de diversas naturezas quando o assunto é tecnologia e recursos e que, de maneira geral, o desafio tecnológico não caminha sozinho. Gasparetto abriu o debate trazendo um panorama do cenário atual da saúde no Brasil e destacando que parte do desafio da incorporação passa por conversar com todos os elos para encontrar equilíbrio. Além disso, destacou que a grande questão não se trata apenas de recursos. “Temos que olhar para a questão do valor, se não a coisa não anda. O Brasil é um país que dá acesso, mas como vamos fazer isso de maneira sustentável?”, provocou.

Sampaio destacou que a incorporação tecnológica precisa caminhar alinhada à capacidade real de investimento do país e lembrou que o Brasil já está acima da média em gastos com saúde na comparação com outros países da OCDE. “Especialmente o setor privado, com mais de 5% do PIB gasto com saúde”, exemplificou. E continuou: “Quando falamos de pa-



O moderador Emerson Gasparetto comandou o debate entre Luis Fernando Rolim Sampaio, Renato Porto, Denizar Vianna e Alexandre Fioranelli

íses desenvolvidos, todos eles têm limites de incorporação, de volume financeiro que a sociedade dá conta de pagar por uma nova tecnologia”.

E, para o diretor-executivo da Seguros Unimed, é preciso que as ações neste sentido sejam unificadas, lideradas pelo Ministério da Saúde, para se tornarem viáveis. “A partir daí, oferecer acesso tanto ao público como privado, para a sociedade como um todo, mas dentro de um teto de gastos”, declarou.

Para Vianna ainda é preciso entender quais são as reais prioridades do sistema como um todo diante de tantas necessidades e possibilidades. E nesta conversa a sociedade precisa estar incluída. Além disso, o professor também falou sobre as dificuldades que podem existir em processos muito fragmentados, como são os da saúde no Brasil, e que acabam se tornando entraves neste cenário. “Será que poderíamos abreviar um pouco esse processo?”, questionou, lembrando que a decisão de incorporação pode ter que ser submetida a trâmites de diferentes agências, como Anvisa e CMED, por exemplo.

Para Fioranelli, também faz parte dessa busca pelo equilíbrio pensar de maneira estratégica, tanto para oferecer

novas soluções, mas também resolver questões que já existem. “Precisamos entender de que maneira alocar melhor o dinheiro da saúde e onde ajustar gargalos de desperdício”, disse o diretor, considerando que há tecnologia disponível que acaba sendo desperdiçada com a chegada muito rápida de uma outra nova. “Como médico e acadêmico, eu acredito piamente na evidência. Entretanto, com a velocidade na qual essas evidências das novas tecnologias vêm caminhando, quando é publicada já temos outra disponível.”

Alinhado a este sentido, Renato Porto falou que o caminho não pode partir da inovação. Antes da incorporação por si só, há um caminho relacionado à qualidade e eficiência a ser percorrido. Para ele, não basta conseguir trazer para o Brasil as melhores tecnologias, mas antes é preciso saber se o paciente está conseguindo ter acesso a inovações já disponíveis. “O problema é agudo, mas a nossa tese não pode ser de trás-para-frente. Os protocolos estão bem desenvolvidos? Os desfechos estão bem calculados? Conseguimos dizer quais são os grupos certos para os medicamentos certos?”, provocou.

Por outro lado, como destacou Vianna, a tecnologia pode

ser uma grande aliada na base, como ferramenta para fomentar cultura não apenas individualmente nas instituições, mas a nível nacional. “Temos tecnologia e capacidade de interoperabilidade, mas está faltando cultura. A Rede Nacional de Saúde é a plataforma para isso, mas é preciso que os dados sejam inseridos, porque sem dados não vamos conseguir medir desfechos. Temos que documentar minimamente o que está acontecendo na ponta, e a tecnologia facilita isso”, comentou o professor.

O diretor no DIPRO/ANS, comentou ainda sobre a relevância da tecnologia para a realização de diagnósticos precocemente, o que além de beneficiar o desfecho para o paciente, também diz respeito à boa gestão dos recursos disponíveis. “Sabemos que um diagnóstico oncológico tardio custa 70, 80% mais caro. E tudo influencia: prevenção, diagnóstico precoce, tratamento mais adequado... E para isso há necessidade que todos os agentes conversem para saber de que maneira a tecnologia incorporada está sendo utilizada. Existe um investimento muito grande e, se for utilizado de maneira inadequada, cai por terra tudo o que foi trabalhado”, finalizou Fioranelli.

CONAHP 2023 FECHA PRIMEIRO DIA COM PALESTRA SOBRE EQUIDADE NA SAÚDE

Entre os destaques do palco principal, a palestra de Karthik Sivashanker, vice-presidente de Sistemas Equitativos de Saúde na American Medical Association, fechou a programação com um debate em torno da equidade na área da saúde, com o tema “Rumo à coalizão da saúde: não existe qualidade sem equidade – o que precisamos mudar e como precisamos fazer”.

Por meio da moderação de Denise Santos, CEO da Beneficência Portuguesa de São Paulo (BP) e presidente da Comissão Científica do Conahp 2023, o convidado apresentou o movimento que acontece nos Estados Unidos e como a sua organização vem atuando para enfrentar os desafios encontrados na assistência a diferentes comunidades.

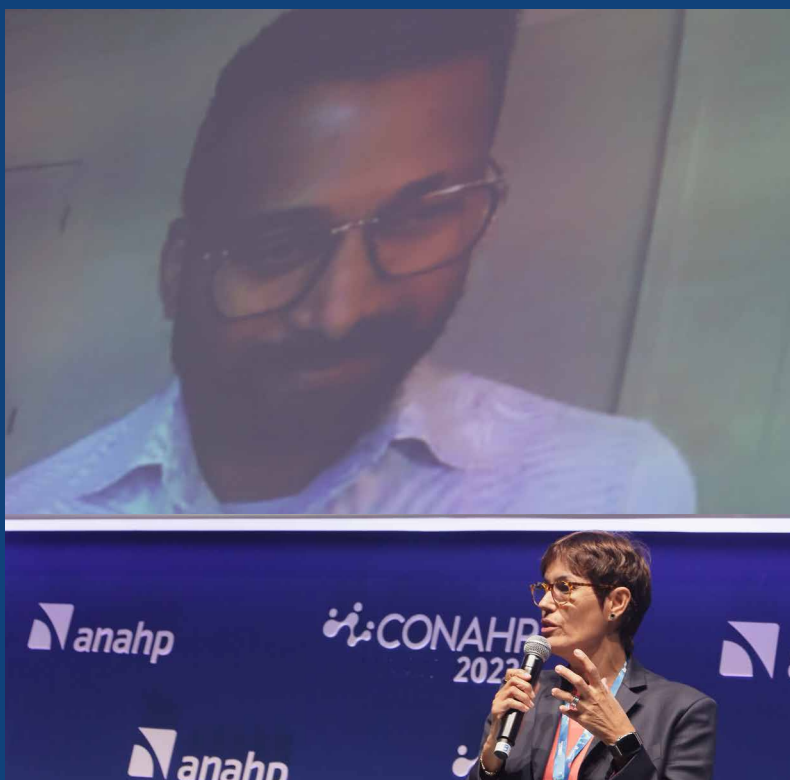
Contextualizando a sua história com questões de racismo, *insights* observados na pandemia de Covid-19 e a realidade das minorias, o executivo fomentou uma reflexão sobre a necessidade de se pensar processos e sistemas a fim de oferecer serviços de saúde adequados a todos. Destacou ainda a importância de considerar as diferenças e especificidades raciais, de gêne-

ro e socioeconômicas inerentes da sociedade para isso.

Uma das maneiras de se fazer isso, segundo o palestrante, é que o setor busque fortalecer a compreensão dos médicos sobre fatores estruturais, além de promover capacitações para que eles possam enfrentar questões de racismo e outros sistemas de opressões nas unidades de saúde. “É preciso um plano estratégico que traga prota-

gonismo para a equidade nos tratamentos, acompanhamentos e atendimentos, além da mudança de cultura dos profissionais. Sem dúvidas, esse processo além de complexo, exige tempo”, afirmou.

O trabalho desenvolvido pela associação em que Sivashanker atua já conta com 55 iniciativas que partem de diferentes métodos para melhorar essa questão no país. “Iniciativa globais ten-



Karthik Sivashanker participou remotamente do congresso e, por meio da moderação de Denise Santos, falou sobre equidade e qualidade a partir de experiências pessoais e profissionais

dem a não funcionar tão bem, elas precisam ser locais, por mais que o problema esteja presente em diferentes partes do mundo. Mesmo assim, o que estamos fazendo aqui pode, de fato, ajudar e inspirar muita gente, inclusive o Brasil”, reforçou.

Além disso, o vice-presidente apontou a relevância em também pensar na coleta de dados sobre os diferentes grupos e buscar entender como os cuidados médicos chegam

até eles, para, assim, pensar em políticas públicas realmente efetivas.

Por fim, destacou que, apesar da dificuldade em se trabalhar o tema, é preciso que os profissionais se mantenham firmes no propósito de gerar mudança. “Eu tenho esperança, não tem outra maneira a não ser acreditar que podemos mudar essas estruturas no setor. Mas também sei que não é algo fácil, é uma jor-

nada de anos. A solução não é simples, mas precisamos continuar investindo esforços para mudar essa realidade.”

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

MUDAR AINDA É O GRANDE DESAFIO DA SAÚDE SUPLEMENTAR

No segundo dia de Conahp, o debate que abriu o Palco Principal buscou avaliar os entraves que impedem a saúde suplementar de avançar em mudanças debatidas ao longo dos últimos anos. Para debater o tema “Há disposição do setor para promover as mudanças profundas e estruturantes que a saúde suplementar precisa? Por onde começar de forma prática?” estiveram presentes Antônio Britto, diretor-executivo da Anahp; José Marcelo Amatuzei de Oliveira, diretor-presidente do Hospital Alemão Oswaldo Cruz (HAOC); Paulo Rebello, diretor-presidente da ANS; Re-

nato Casarotti, presidente da Abramge; além do moderador Maurício Ceschin, conselheiro da Rede Mater Dei de Saúde, Pro Matre, Santa Joana e do Grupo Laços Saúde.

Casarotti defendeu a incorporação tecnológica eficiente como uma das soluções para destravar alguns gatilhos que parecem travancar a jornada do cuidado. Para ele, ao analisar de forma



Paulo Rebello falou sobre o sandbox regulatório, como ponto de partida na atenção primária, que a ANS deve propor ao setor

conjunta – público e privado – é possível achar soluções sustentáveis que ajudem com questões fundamentais, como prática de *benchmarking* de indicadores e o compartilhamento de dados. “O dado tem que navegar no sistema e isso ainda está só no discurso”, declarou. “Todo mundo fala de prontuário único, mas na hora todo mundo patina. Tem riscos, mas é um ato de fé entender que compartilhar meus dados com o concorrente vai ajudar o sistema a ser menos fragmentado.”

Do ponto de vista da assistência, Oliveira destacou a necessidade de se investir em dois pontos que, em sua opinião, são chave nesse processo de consolidação de mudanças estruturais. Para o presidente do HAOC, é preciso aprimorar a governança e a coordenação do cuidado. Nisto está incluso institucionalizar os protocolos e ter o corpo clínico – aberto e fechado – alinhado com as premissas das instituições, e investir no engajamento do paciente em sua jornada de cuidado para alcançar desfecho positivo. Mas, mais do que aplicar essas práticas

individualmente, na visão de Oliveira essa estratégica precisa ser trabalhada em cadeia. “Não tem agente único, temos que sentar e combinar como flui essa jornada de maneira coordenada, porque, se um ente falir, toda a cadeia se desestrutura”, opinou.

O diretor-executivo da Anahp, Antônio Britto, também participou da discussão e, partindo do resultado de [uma pesquisa aplicada durante o Conahp](#), defendeu a tese de que há anos a saúde suplementar não consegue avançar devido à fragmentação do setor privado. “Estamos perdendo a capacidade de olhar para o outro e falta alguém para pautar o debate. Não falta diálogo, mas falta querer avançar”, declarou. Para Britto, a divisão de ideias e posições do setor reflete numa fragmentação também do Congresso Nacional que, dividido, precisa legislar sobre a consequência. “O metabolismo político do setor não está funcionando.”

Paulo Rebello foi direto: “Não há disposição do setor, todos

desconfiam de todos”, declarou o diretor da ANS. Sua fala, segundo ele, foi com base na falta de dados qualificados compartilhados pelo setor, o que dificulta não apenas práticas como *benchmarking*, mas a conquista de pleitos importantes para a saúde. “Como vamos enfrentar o magistrado sem um dado? O legislativo e o judiciário vão continuar colocando o dedo no setor e soluções equivocadas vão continuar sendo tomadas por falta de conhecimento e informação”, afirmou.

Rebello ainda falou de medidas que já vêm sendo tomadas pela ANS para que as mudanças tão faladas saiam da teoria e possam ser testadas na prática. O destaque foi para o anúncio de que a Agência irá propor soluções para o setor utilizando um sandbox regulatório. A ideia é que as medidas sejam testadas por até dois anos e avaliadas para entender se foram eficazes e alcançaram os objetivos. O ponto de partida seria um produto com base na atenção primária, com coordenação do cuidado.



Antônio Britto ao lado do moderador da plenária, Maurício Ceschin, debateu sobre a disposição do setor para promover mudanças junto de José Marcelo Amatuzei de Oliveira, Paulo Rebello e Renato Casarotti

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

A MUDANÇA DE MODELO DEPENDE DE CORAGEM, TRANSPARÊNCIA, INFORMAÇÃO E BOAS PRÁTICAS

A evolução de modelos assistenciais e de remuneração é parte fundamental do processo de mudança que a saúde suplementar tem passado. Há quem esteja mais avançado nesse aspecto e quem esteja fundamentando as bases para avançar. Mas há um consenso: a mudança real ainda está por vir e é coletiva.

O debate “Uma relação de desconfiança que não cabe mais: como evoluir em modelos assistenciais mais eficientes e novos modelos de remuneração” contou com a participação de Conrado Cavalcanti, diretor médico da Amil; Daniel Greca, Business Unit Director Population Health Management do Hospital Sírio-Libanês; Maurício Nunes, diretor de Desenvolvimento Setorial da ANS; Vanessa Teich, diretora de Economia da Saúde do Hospital Israelita Albert Einstein; e do moderador Francisco Balestrin, presidente do Sindhosp.

Fazendo um exercício de olhar em retrospecto, Greca falou sobre um estudo realizado no Brasil que, há cinco anos, concluiu que o país não consegue



Com o foco sobre novos modelos assistenciais e de remuneração, participaram do debate Daniel Greca, Maurício Nunes, Vanessa Teich, Conrado Cavalcanti e o moderador Francisco Balestrin

avançar em novos modelos por causa da cultura das instituições, sendo apontados como fatores críticos “pessoas, legado e desconfiança.” “Nós talvez não tenhamos conseguido evoluir da forma como imaginávamos e nem conseguimos transpor as barreiras que já estavam previstas e que todo mundo conhece”, disse. E, para ele, a chave para que essa mudança aconteça está na liderança e no capital humano: “Um novo modelo assistencial requer competências que vemos sendo exigidas de profissionais de saúde, como coragem, ambidestria e antifragilidade. O quanto nós, enquanto gestores executivos

da saúde, conseguimos ter coragem, ministrar a fragilidade e ter capacidade para absorver as adversidades?”, provocou.

Maurício Nunes, na ANS há 18 anos, falou sobre tentativas da Agência nos últimos anos para implementação de novos modelos assistenciais e de remuneração e que, apesar de movimentos em grupos de trabalho, muito pouco se avançou. Segundo ele, passada a pandemia, recentemente foram apresentados alguns projetos que parecem promissores, com linhas de cuidado bem definidas, incluindo indicadores de cuidado e avaliação. Um deles, como foco materno-neonatal,

é realizada por meio da parceria de uma clínica e operadora e já apresenta resultados parciais positivos: “No Brasil, onde o parto cesáreo tem taxas superiores a 80%, eles já têm uma taxa em torno de 70% de partos vaginais, com NPS em torno de 9%. Ou seja, tem uma resolutividade, é bem avaliado pelo beneficiário que vê valor naquilo”, contou.

O diretor também falou sobre os desafios que a ANS observa como potencializadores da desconfiança entre os entes da saúde, e citou as glosas como um exemplo. “O procedimento que foi autorizado, prestado e depois glosado gera um ambiente de desconfiança que é cada vez mais predatório. Precisa botar uma lupa cada vez maior em cima disso”, declarou. Também chamou a atenção para dados que mostram que, apesar de a saúde suplementar ter conseguido ultrapassar a barreira dos 50 milhões de beneficiários, “há uma queda observada na receita operacional na casa dos R\$ 7 bilhões”. “Os

beneficiários estão fazendo um ‘downgrade’”, concluiu.

Para Vanessa Teich, a desconfiança existe pela falta de transparência quando os objetivos individuais não são esclarecidos e continuam sendo a base para tomadas de decisão nas instituições. Além disso, elencou a falta de informação de qualidade também como obstáculo importante para a mudança. “Em geral, prestadores e operadoras não têm informação suficiente para calcular os riscos da operação, o que dificulta naturalmente as negociações. (...) Se eu tivesse informação de que o pré-natal está sendo bem conduzido, talvez mudar o modelo de remuneração do parto não fosse tão crítico”, exemplificou a diretora, explicando que há que se entender os processos no detalhe para pensar num modelo eficiente. Para ela, também se pode colocar na conta do atraso o medo pela insegurança jurídica que se cria ao testar um modelo em ambiente pequeno e correr o risco de ter

que continuar ainda que dê errado.

O diretor médico da Amil, Conrado Cavalcanti, acredita que, nesse cenário, olhar para os entes parceiros com empatia pode ser um bom caminho para encontrar soluções e disse que a operadora “está tentando quebrar a barreira da desconfiança com uma prática boa”, dando o exemplo de uma ferramenta de medicina baseada em evidência que vem sendo testada. “Uma mesma doença pode ter desfechos diferentes. E com essa ferramenta conseguimos estratificar o risco de cada paciente e, para aquela população, é possível chegar num número ideal que aquele hospital teria de taxa de internação, de tempo de permanência e percentual de uso de UTI, então a informação nós temos”, explicou Cavalcanti. Para o diretor, a solução não vai vir de maneira sistêmica, mas a partir de ações feitas em cada relação entre os entes da saúde.

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

INTEGRAÇÃO DE DADOS NA SAÚDE PRECISA DE PADRONIZAÇÕES E MAIS INTERESSE PARA AVANÇAR



Quando se discute a implementação de uma saúde mais digital são muitos os aspectos envolvidos e, entre eles, a interoperabilidade dos sistemas desponta como um fator fundamental para que haja eficiência no processo. Este assunto foi abordado durante a plenária “Integração de dados na saúde e prontuário único do paciente: como fazer?”, que aconteceu no segundo dia do Conahp.

O painel começou com um questionamento do mediador Marco Aurélio Ferreira, diretor de Relações Governamentais da Anahp, a Carlos Pedrotti, gerente médico do Centro de Telemedicina do Hospital Israelita Albert Einstein e presidente da Saúde Digital Brasil (SDB), se o setor privado já encontrou essa resposta de como avançar no tema.

O executivo destacou três grandes frentes de trabalho

fundamentais: adequação nas nomenclaturas e terminologias para que os sistemas se conversem; garantia da segurança da informação e dos dados como base dos serviços; e documentações eletrônicas padronizadas, seguras e compartilhadas. “Assim podemos começar a construir uma integração entre o sistema primário, a atenção secundária e a atenção terciária – que são os hospitais. (...) Não estamos mais falando de uma consulta ou de um atendi-



Remotamente, Ana Estela Haddad falou sobre as iniciativas do Ministério da Saúde em relação à saúde digital, e o debate também contou com as contribuições de Carlos Pedrotti, o moderador Marco Aurélio Ferreira, Arthur Chioro e Arthur Sabbat

to isolado, e sim de uma jornada do paciente que precisa ser inteiramente integrada. Só assim vamos garantir a sustentabilidade do sistema de saúde no país”, afirmou.

Em relação à segurança dos dados, o diretor-presidente substituto da Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD), Arthur Sabbat, reforçou que o setor da saúde apresenta um grande desafio e diferencial por dois principais aspectos: “Primeiro pela natureza dos dados, que são sensíveis, e segundo pela multiplicidade dos atores envolvidos”, disse.

Já sobre o setor público, a secretária de Saúde Digital do Ministério da Saúde, Ana Estela Haddad, contou que a solução que está sendo adotada é a interoperabilidade de dados por meio de uma arquitetura dada pela Rede Nacional de Dados em Saúde (RNDS) – plataforma para integrar as informações de saúde dos cidadãos, profissionais e gestores, facilitando o acesso a serviços de saúde no país e auxiliando o poder público na tomada de decisão de diferentes níveis.

“A face para o cidadão, profissional e gestor dessa estrutura de arquitetura da RNDS é o ConecteSUS. No caso do cidadão isso já está mais avançado, começou com o registro da vacinação da Covid-19 e hoje

nós temos uma série de outros serviços e informações acessíveis. Hoje já temos mais de 40 milhões de *downloads* do ConecteSUS Cidadão, é o aplicativo de saúde mais baixado globalmente”, detalhou Hadadd.

Neste sentido, Arthur Chioro, presidente da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), complementou afirmando que a possibilidade de visualização dos dados, apropriação pelos pacientes e até mesmo o uso de Inteligência Artificial, requer muito mais do que juntar todas as informações numa base de dados. “Sem interoperabilizar essas informações, ou seja, garantir a troca de dados e a comunicação entre os sistemas, jamais enfrentaremos essa brutal fragmentação que temos no interior de cada sistema e cada serviço”, enfatizou.

O presidente elencou seis passos que considera decisivos para poder avançar: formular casos de uso concretos para saber quais problemas precisam ser resolvidos; identificar quais bases de dados que já estão disponíveis; implantar identificadores unívocos que possam ser o ponto de partida; definir quais documentos clínicos devem ser padronizados; formalizar os padrões tecnológicos de troca de dados; e estabelecer os padrões semânticos na comunicação entre os sistemas. “Nós pre-

cisamos sair do plano abstrato dessa discussão da saúde digital. Em certos aspectos, ela fica no universo dos especialistas e não invade o cotidiano dos gestores e tomadores de decisão”, reforçou.

Chioro deu o exemplo do que já está sendo feito na EBSEH, em que 41 hospitais da rede utilizam o AGHU – aplicativo de gestão para hospitais universitários, somando mais de 25 milhões de pacientes e prontuários disponíveis. Agora, contou, está sendo feito o primeiro movimento de integração com outras bases de informação, por meio de um acordo de cooperação com a Secretaria Municipal de Saúde de Recife.

“Eu acho que nossos desafios não são tecnológicos. Hoje, com os recursos disponíveis, eles são claramente superáveis. O nosso grande problema ainda continua sendo uma não compreensão do quanto é importante fazer a integração dos dados”, concluiu Chioro.

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

NOVOS RUMOS PARA A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NA SAÚDE

Os caminhos para o futuro da saúde do país pautaram alguns dos principais painéis do Conahp 2023. No palco que encerrou a programação do congresso, especialistas se reuniram para um importante debate sobre transformação digital, abordando seus desafios e perspectivas, sob o tema "Transformação digital como um novo modelo de gestão: o que o setor está fazendo para lidar com o atraso digital na saúde?"

A temática, fundamental para

garantir a evolução efetiva da qualidade assistencial envolve processos estruturais e requer uma mudança na cultura interna dos hospitais para que a transformação realmente aconteça. Durante o painel, os debatedores visaram provocar reflexões sobre o assunto, que inevitavelmente levaram à discussão a necessidade de se pensar novos modelos de gestão hospitalar.

Moderados pelo diretor-executivo e mentor do e-Health Mentor Institute (EMI), Gui-

lherme Hummel, participaram desse bate-papo Alex Vieira, superintendente de Inteligência Digital e TI do Hcor; Fábio Andrade, diretor de Inovação da Rede D'Or São Luiz; Frederico Peret, diretor-presidente da Unimed BH; Luiza Mattos, sócia na Bain&Company; e Vitor Ferreira, presidente da ABCIS e gerente de Tecnologia da Informação do Hospital Moinhos de Vento.

Para Ferreira, a verdadeira transformação digital acontecerá quando as instituições



O debate que encerrou o Conahp contou com a participação de Guilherme Hummel, na moderação, e dos debatedores Vitor Ferreira, Luiza Mattos, Frederico Peret, Fábio Andrade e Alex Vieira

tiverem total domínio das ferramentas essenciais existentes hoje. “A saúde é um dos setores mais atrasados no processo de evolução tecnológica, mas me pergunto se realmente estamos falando de atrasos. Acredito que as dificuldades que enfrentamos nas instituições são um reflexo da nossa complexidade operacional”, destacou.

Mattos, por sua vez, complementou que até mesmo a questão da evolução analítica, atualmente, não é uma prioridade na área da saúde como é em outros setores. “Temos muita tecnologia disponível, mas antes precisamos aprender a dominar o uso dos recursos básicos, que ainda não aproveitamos em sua totalidade”, pontuou.

Os palestrantes foram unânimes em defender a importância de se aprimorar a aplicação dessas ferramentas. Melhorias no prontuário dos pacientes, capital para investimentos em tecnologia básica, melhor aproveitamento das ferramentas de

telemedicina e aceleração dos processos para diagnósticos mais rápidos foram alguns dos pontos fundamentais levantados durante o debate. “Todos já entendemos que a inovação tecnológica é o único caminho para que possamos continuar evoluindo em nossos serviços, mas ainda falta maturidade”, frisou Andrade.

O superintendente de Inteligência Digital e TI do Hcor ressaltou que a verdadeira transformação digital acontecerá, de fato, com a implementação de processos. “Hoje, temos tecnologias em excesso na área da saúde e acabamos nos perdendo no operacional. Acabamos gastando muito tempo com coisas não essenciais em vez de aprofundar nosso trabalho em cima daquilo que é essencial.”

Segundo o presidente da ABCIS, essas dificuldades são inerentes às especificidades do setor da saúde. “Eu entendo que precisamos fracionar para fazer coisas mais produtivas. Acredito que seja a principal alavanca para as transformações na saúde. Através dela, podemos democratizar produtos e serviços de saúde e implementar protocolos”, disse Ferreira.

Já Peret destacou, ainda, que todo o processo de evolução não pode ocorrer sem olhar para a força motriz do setor:

as pessoas. “O maior potencial está nas pessoas. Precisamos trabalhar para que elas percam o medo da tecnologia, de serem substituídas. A saúde precisa se modernizar, mas jamais vai existir sem o fator humano e isso precisa ficar claro para que as pessoas comecem a enxergar a tecnologia como aliada.”

O especialista frisou ainda que a “inteligência artificial, por exemplo, não vai acabar com o médico, ela vai criar uma nova forma de atuar na medicina, aprimorando o trabalho do médico”.

E o diretor de Inovação da Rede D’Or São Luiz finalizou destacando a necessidade de focar em capacitação dos profissionais da saúde. “Precisamos ensinar como utilizar essas ferramentas e atuar no letramento digital. Dessa forma, podemos mostrar que a tecnologia pode ser uma parceira importantíssima para elevar o nível dos serviços assistenciais, meio fundamental para que sejamos cada vez mais eficientes.”

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

Curadoria:

FGV EAESP
CENTRO DE ESTUDOS
EM PLANEJAMENTO
E GESTÃO DE SAÚDE

Patrocínio:

ABIMO
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA
DE DISPOSITIVOS MÉDICOS



SESSÃO PÔSTER: A MUDANÇA COLOCADA EM PRÁTICA

Com o objetivo de disseminar as melhores práticas e cases de sucesso no setor da saúde, todos os anos o Conahp abre espaço para a exposição de trabalhos científicos na já consagrada Sessão Pôster. Esta edição destacou iniciativas inovadoras que contribuíram para um sistema

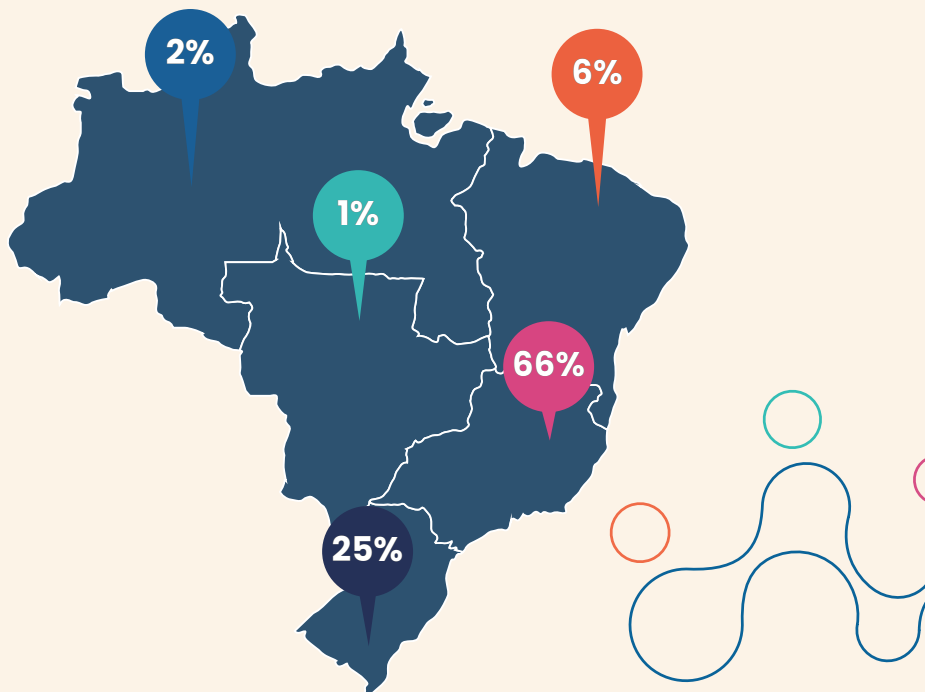
mais integrado, sustentável e que viabilize acesso à saúde qualificada à população. Neste ano, batemos o recorde de inscrições na Sessão Pôster: foram **516** trabalhos recebidos, sendo a maioria (64%) dos nossos hospitais associados. Os cases vieram

de todos os cantos do Brasil, e a região Sudeste foi a responsável pela maior parcela dos inscritos.

Os trabalhos, que deviam estar relacionados a um dos eixos temáticos do congresso para participar, tiveram maior número de inscrição no eixo Tecnologia e Inovação (54%), seguido pela Saúde Suplementar (29%) e pelo Engajamento Público-privado (19%). Do total de inscritos, **355** cases estiveram expostos durante os dois dias do Conahp 2023, no Transamerica Expo Center, em São Paulo, em uma área exclusiva que contou com o patrocínio da Abimo.

Esta seleção foi possível graças à parceria da FGV-EAESP, representada por uma equipe liderada por Ana Maria Malik, professora titular na instituição, para a curadoria dos trabalhos enviados. Além de

Os trabalhos científicos inscritos vieram de todas as regiões do país



Malik, na comissão avaliadora estavam: Alberto Ogata, Álvaro Escrivão, Audry Santos, Cid Gusmão, Cinthia Costa,

Daniela Camarinha, Evandro Felix, Laura Schiesari, Marcio Balzan, Maria Laiz, Mariana Carrera e Sandra Pelinson.



CONHEÇA A SEGUIR OS TRÊS MELHORES TRABALHOS DESTA EDIÇÃO

1º LUGAR

PRONTUÁRIO INTELIGENTE: ESTRATÉGIA DE TORNAR O PRONTUÁRIO ELETRÔNICO MAIS INTEGRADO, USUAL E SEGURO

Autores: Flávia Mendes Lima Freire, Maria Clara Neves Santana de Brito,
Thamara Gabriela Fernandes Viana e Bruna Castro Lavalle

REDE MATER DEI DE SAÚDE

2º LUGAR

MODELO DE GESTÃO PARA NUTRIÇÃO CLÍNICA: A TERCEIRIZAÇÃO COMO SOLUÇÃO PARA HOSPITAIS

Autores: Rebeca Prado Crisóstomo, Fábio Resende Batista
e Fabiano Girade Correa

HOSPITAL VILA NOVA STAR E IBRANUTRO

3º LUGAR

ANÁLISE DO IMPACTO DA SUSPENSÃO DA PRECAUÇÃO DE CONTATO EMPÍRICA EM UM HOSPITAL PRIVADO NO PARANÁ

Autores: Viviane Maria de Carvalho Hessel Dias, Andrea Cavali da Costa Meira,
André Luiz Parmegiani de Oliveira e Ana Paula Carvalho Araújo

HOSPITAL NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

CONFIRA TODOS OS TRABALHOS APROVADOS EM [CONAHP.ORG.BR](https://conahp.org.br)



Patrocínio:


 brain4care

PALCO ESTRATÉGICO

ESG

O ESG (sigla em inglês para Ambiental, Social e Governança) começou a ser visto como pilar estratégico para o setor saúde. Hospitais, operadoras e seguradoras da área, farmácias e provedores de serviços têm adotado soluções com o objetivo de impactar posi-

vamente o planeta e a vida de funcionários, clientes e da sociedade como um todo. Neste palco estratégico, os debates lançaram luz para as iniciativas práticas de ESG nas organizações e mostrou um pouco do impacto que elas têm provocado no setor.

ESG É BOM PARA A SOCIEDADE E PARA OS NEGÓCIOS

O ESG é bom para a sociedade e bom para os negócios, por isso, se tornou tão importante para as empresas. Essa é foi a conclusão das especialistas que debateram o tema “Por que o ESG se tornou tão importante para as empresas”. Participaram deste encontro Glaucia Terreo, consultora independente da MITI Caminhos Sustentáveis;

Nelcina Tropardi, diretora geral de Jurídico, RelGov, ESG e Compliance da Dasa; Rafaella Dortas, *head* de ESG do BTG Pactual; Valéria Michel, diretora de Sustentabilidade Brasil e Cone Sul da Tetra Pak Ltda; e Ingrid Cicca, gerente de Sustentabilidade e Meio Ambiente da Rede D’Or São Luiz e coordenadora do Grupo de Trabalho ESG da Anahp.

Glaucia Terreo lembrou que o princípio não é uma novidade, mas que ganhou relevância com a crescente incerteza sobre a sustentabilidade do capitalismo praticado desde o século passado. “Ao mesmo tempo, são cada vez maiores os questionamentos sobre o entendimento de que a missão exclusiva das empresas é gerar lucros”, explicou.

Para Nelcina Tropardi, a incorporação do ESG tornou-se uma questão de negócios, de interesse operacional e financeiro. “Para nós, na Dasa, trata-se de um movimento estratégico, principalmente pela necessidade de trabalharmos melhor com prognóstico e prevenção”, afirmou.

Rafaella Dortas concordou que o ESG é uma ferramenta eficaz para a antecipação e mitigação de riscos. “Em instituições financeiras, a análise das vulnerabilidades jurídicas e ambientais desempenha um papel fundamental na tomada de decisões. Por isso, os investidores têm cada vez mais preferência por empresas com práticas sólidas nesse sentido”, esclareceu.

Ela ressaltou, por exemplo, que o banco considera inclu-

são e diversidade, entre outras ações nas áreas social e ambiental, como uma missão que contribui para os resultados da empresa. “Nós levamos essas discussões para o CEO e os gestores e sempre mostramos como as práticas são boas para os negócios. A grande virada foi quando fizemos uma emissão verde e isso abriu diversas possibilidades”, contou.

Valéria Michel enfatizou a necessidade de transformar a cultura corporativa nesse sentido e a importância da comunicação e da

transparência para o sucesso nesse esforço. “A mudança requer esforço contínuo, exemplo da liderança e a garantia de que os valores da companhia estão alinhados com essa agenda”, finalizou.

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.



Ingrid Cicca moderou o debate entre Gláucia Campos, Nelcina Tropardi, Rafaella Dortas e Valéria Michel

SAÚDE AVANÇA EM PROJETOS DE RESPONSABILIDADE AMBIENTAL

No painel “Cases de sucesso: Como o setor vem ampliando as iniciativas focadas em sustentabilidade ambiental”, especialistas compartilharam experiências que demonstraram o compromisso das instituições com o tema. Como o Programa de Eficiência Energética e a Redução das Emissões de Carbono do Hospital Pequeno Príncipe, apresentado por Guilherme Thiemann e Jéssica Brustolim Lazarotto, coordenador de Manutenção Elétrica e Mecânica e coordenadora de Meio Ambiente da organização, respectivamente.

Além deles, participaram também deste debate Thiago Awad, coordenador de sustentabilidade ambiental da Santa Casa da Bahia e coordenador do Grupo de Estudos Práticas de Sustentabilidade da Anahp; e Ingrid Cicca, gerente de Sustentabilidade e Meio Ambiente da Rede D’Or São Luiz e coordenadora do GT ESG da Anahp, como moderadora.

De início, Lazarotto destacou a relação do seu projeto com o ESG, conceito que “cria as condições para relações mais justas e o desenvolvimento de empresas mais humanas”, frisou. A abordagem com esses



Ingrid Cicca, Thiago Awad, Guilherme Thiemann e Jéssica Brustolim Lazarotto durante debate no Conahp 2023

princípios, continuou, promove o equilíbrio entre o interesse financeiro e os ambientais, sociais e éticos, desempenhando um papel fundamental para o alinhamento entre propósitos e desempenho operacional. O case está relatado na publicação “[ESG nos hospitais Anahp 2023: resultados e boas práticas](#)”, lançada no congresso.

Thiemann reforçou que o setor de saúde tem obrigação de tomar medidas contra as mudanças climáticas, afinal é parte muito relevante do problema. “O setor responde, por exemplo, por 4,4% das emissões globais de gases do efeito estufa (GEE) e, se fosse um país, seria o quinto maior emissor de gás carbônico do planeta. No

Pequeno Príncipe, decidimos começar mitigando nossos impactos pela utilização racional de energia elétrica”, contou.

Nesse sentido, o hospital substituiu equipamentos elétricos por modelos mais eficientes, trocou as lâmpadas comuns por luminárias fluorescentes com tecnologia LED e atualizou todo o sistema de ar-condicionado. Além de instalar ferramentas para controlar o consumo e monitorar toda a rede para detectar falhas em equipamentos e desperdício de energia. A instituição também mantém uma área de dez hectares de florestas nativas da Grande Reserva da Mata Atlântica para compensar as emissões de GEE, segundo o relato.

Thiago Awad apresentou um compilado de práticas sustentáveis adotadas pelos associados da Anahp, começando pela plataforma de indicadores da Associação, que permite também o *benchmark* na área. “É fundamental ter parâmetros e base de comparação para demonstrar o valor dos projetos de sustentabilidade”, afirmou.

Ingrid Cicca seguiu na mesma linha e enfatizou a importância de se estabelecer uma comunicação eficaz sobre o tema, com informações e argumentos consistentes. E encorajou todas as instituições de saúde a seguirem nesse caminho. “É urgente começar, dar o primeiro passo, mesmo que seja pequeno”, finalizou.

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

TRANSFORMAÇÃO DA SAÚDE DEVE SER ORIENTADA PELO COMPROMISSO SOCIAL

Sob o tema “Pessoas que transformam a saúde: como o pilar social vem sendo trabalhado no setor”, este painel reuniu mulheres líderes da saúde para compartilhar suas visões e experiências e quais impactos positivos estão criando para a assistência. Participaram do debate Caoana Duarte, gerente de Gestão de Pessoas do Hospital São Julião; Jessyka Souza Mendes, superintendente de Gestão do Hospital São Julião; Sabrina Dalbosco Gadenz, gerente do portfólio de Saúde Digital e Compromisso Social do Hospital Sírio-Libanês; Vânia Bezerra, diretora de Compromisso Social do Hospital Sírio-Libanês; além da moderadora Luciana Gu-tierres, gerente técnica de Inovação e Sustentabilidade da Solvi.

Sabrina Dalbosco Gadenz e Vânia Bezerra apresentaram o Te-

leNordeste, do Proadi-SUS, uma parceria público-privada que visa promover o acesso à assistência médica especializada nas regiões Norte e Nordeste por meio da telemedicina. O case está descrito também na publicação lançada durante o evento: [ESG nos hospitais Anahp 2023: resultados e boas práticas](#).

Dalbosco destacou que o acesso à saúde é um privilégio em todo o mundo e que, ao falar de privilégios, deve-se considerar a abundância, a escassez e a proporcionalidade. “O TeleNordeste busca justamente a proporcionalidade, conectando médicos do Hospital Sírio-Libanês a qualquer lugar do país para oferecer cuidados de saúde de qualidade no SUS”, explicou.

Caoana Duarte e Jessyka Souza

Mendes trouxeram um projeto realizado em parceria com os Voluntários da Saúde para a implantação de um programa de capacitação de gestores hospitalares. Sob o nome “Líder em Ação,” o projeto visa atualizar e profissionalizar a gestão no ambiente do SUS.

“Liderar na área da saúde, especialmente na assistência pública, apresenta desafios únicos e a capacitação tornou-se uma prioridade. O programa vai preparar os profissionais para lidar com questões cada vez mais complexas e, principalmente, inspirar e motivar as suas equipes, muitas vezes enfrentando dificuldades estruturais e tecnológicas”, esclareceu Duarte.

As apresentações refletiram um esforço contínuo para promover

mudanças positivas para o setor por meio de atualização e profissionalização visando o melhor atendimento possível. São ações que buscam moldar a forma como a assistência é entregue, com mais qualidade, equidade e práticas baseadas nas mais recentes evidências.

“Na rede filantrópica, por exemplo, temos que lutar todos os dias para conquistar o melhor com o pouco que temos. Então, eu estimo a todos para que não desistam de sempre buscar a evolução das suas instituições. A solução só vai acontecer se estivermos todos juntos”, finalizou Mendes.



No debate, a moderadora Luciana Gutierrez, Sabrina Dalbosco Gadenz, Caoana Duarte, Jessyka Souza Mendes e Vânia Bezerra

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

PROGRAMA VAI CAPACITAR GESTORES DE SANTAS CASAS EM SP

O setor da saúde enfrenta constantes desafios e demandas, especialmente em um país como o Brasil, onde a desigualdade no acesso aos cuidados de saúde é uma realidade presente. Nesse contexto, o lançamento do Programa Lideranças, promovido pela Associação Voluntários da Saúde em parceria com a Associação Nacional de Hospitais Privados (Anahp) e a Federação das Santas Casas de Misericórdia e Hospitais Filantrópicos do Estado de São Paulo (Fehosp), surge como um passo fundamental para capacitar líderes e enfrentar a desigualdade na saúde.

Estiveram presentes no lançamento, que aconteceu durante o evento, Eduardo Amaro, diretor do Grupo Santa Joana e presidente do Conselho de Administração da Anahp; Antônio Britto, diretor-executivo da Anahp; e Fernando Torelly, CEO do Hcor, presidente e fundador da Associação Voluntários da Saúde e conselheiro da Anahp.

Torelly apresentou a missão da Associação Voluntários da Saúde e ressaltou a importância de enfrentar a falta de equidade na saúde e a necessidade de democratizar o conhecimento em gestão para promover uma transformação no setor. “Se não combatermos a desigualdade no nosso setor, nossa geração não terá cumprido o seu papel”, afirmou.

O programa de desenvolvimento de lideranças, anteriormente focado em hospitais específicos, agora é uma iniciativa que vai capacitar gestores de todas as Santas Casas e Hospitais Filantrópicos do Estado de São Pau-

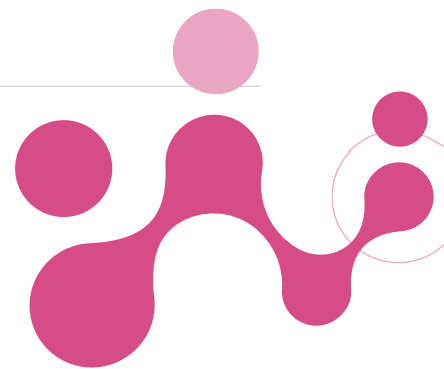
lo. O objetivo é contribuir para aprimorar os serviços de maneira uniforme e ampliar o acesso à assistência de qualidade em todo o Estado.

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.



INFORMAÇÃO É PONTO CENTRAL PARA A BOA GOVERNANÇA



A busca por melhores práticas de governança torna-se uma prioridade vital à medida em que os hospitais e instituições de saúde buscam otimizar suas operações, elevar o padrão da assistência oferecida aos pacientes e tornar a gestão mais eficaz e transparente. Nesse contexto de transformação, o debate “Como o pilar Governança vem sendo trabalhado no setor” propôs discussões em cima do que já vem sendo aplicado.

Participaram do encontro Daniel Soranz, secretário municipal de Saúde do Rio de Janeiro; Keila Amaral, gerente do Núcleo de Es-

tudos e Análises (NEA) da Anahp; Tafarel Figueredo Maurenre, coordenador de Suprimentos e Logística do Hospital Ernesto Dornelles; além de Evelyn Tiburzio, diretora técnica da Anahp, como moderadora.

Maurenre apresentou a experiência bem-sucedida de um programa de digitalização da área de logística e suprimentos que vem sendo implementado pela sua instituição nos últimos três anos. “Com a iniciativa, estamos eliminando erros em processos manuais e melhorando a comunicação com os nossos parceiros

de negócios”, explicou. Este case está relatado na íntegra na publicação “[ESG nos hospitais Anahp 2023: resultados e boas práticas](#)”, lançado no congresso.

De acordo com o cronograma do projeto, em 2021, foi lançado o “Manual de Relacionamento com os Fornecedores”, estabelecendo os critérios para as interações e, em 2022, houve uma análise quantitativa e qualitativa de todos os *players* envolvidos no ecossistema. Em 2023, aconteceu a inclusão da gestão ambiental, com foco em logística verde. Todas essas etapas permitiram ao hospital classificar e gerenciar seus fornecedores com clareza e transparência, segundo o que relatou Maurenre.

Keila Amaral explicou o papel do Sistema de Indicadores Hospitalares da Anahp, ferramenta que se tornou essencial para apoiar os gestores em suas tomadas de decisão. A gerente destacou a evolução do sistema nos últimos dois anos, enfatizando a segurança na coleta e tratamento dos dados, no sigilo das informações e na conformidade com a LGPD. “Atualmente, o Sistema é uma das principais plataformas de *benchmark* para o setor e é importante que mais hospitais participem para ficar ainda melhor”, convidou.



Keila Amaral, no telão, a moderadora Evelyn Tiburzio, Tafarel Maurenre e Daniel Soranz participam de debate sobre a importância da coleta e mensuração de dados para a governança das instituições

Evelyn Tiburzio acrescentou que o ambiente também está aberto para as unidades públicas e as 100% filantrópicas, e destacou sua importância para a consolidação de “uma cultura de mensuração da qualidade”.

Soranz trouxe, então, a realidade da capital fluminense, citando a diversidade do segmento hospitalar da cidade, com diferentes modelos de gestão e necessidades. “Temos instituições de 120 e

de 10 anos, e cinco formatos distintos de operação”, contou. Ele acredita que, com o Sistema de Indicadores da Anahp, as unidades de saúde serão capazes de se comparar de maneira sistemática e transparente. “Esses indicadores nos colocam em outro patamar, pois as comparações entre hospitais públicos e privados proporcionam uma visão mais abrangente e permitem decisões melhores e mais eficiência na gestão hospitalar”, finalizou.

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

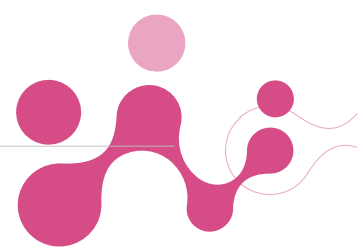
Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

CULTURA CORPORATIVA TÓXICA TEM CURA

No cenário corporativo moderno, as discussões sobre o papel das empresas na sociedade evoluíram e, cada vez, mais a conclusão de que é necessário estabelecer propósitos mais elevados do que a simples busca por lucros está se consolidando. Nesse contexto, Raj Sisodia, cofundador e ex-presidente da Conscious Capitalism, destacou ao público do Conhap 2023 que as organizações devem dar mais atenção para o tema, mesmo porque é possível investir em causar impactos positivos para o mundo ao mesmo tempo em que mantém os bons resultados financeiros. Sua fala foi durante o painel “Cura: o grande imperativo de nosso



Raj Sisodia participou remotamente do Conahp e, junto de Plínio Targa, falou sobre o conceito de capitalismo consciente



tempo”, que contou também com a participação de Plínio Targa, CEO da brain4care.

Sisodia desafiou os líderes e empreendedores a reavaliarem como estão tratando os seus colaboradores e qual a relação disso com o sucesso organizacional. “A maneira como trabalhamos está nos matando. Os ataques cardíacos são 20% mais frequentes às segundas-feiras, por exemplo. Sabendo disso, as pessoas estão começando a se perguntar se vale a pena pagar menos pelo produto de uma empresa que incentiva esse ambiente”, declarou.

Um dos pontos centrais da apresentação de Sisodia, aliás, foi a ideia de que as empresas podem ser mais lucrativas quando adotam um propósito mais elevado e a oposição à tese de que or-

ganizações que priorizam o bem-estar dos funcionários têm resultados mais fracos. O relacionamento com as equipes, aliás, parece ser fundamental para a transformação. “Um dos passos essenciais na jornada para a cura da cultura corporativa é ter uma escuta ativa para identificar as causas que provocam o sofrimento nos seus funcionários”, disse.

Sisodia enfatizou os três princípios essenciais das empresas que podem “curar” o mundo dos negócios:

- Assumir a responsabilidade moral de evitar e aliviar o sofrimento: empresas não devem apenas buscar lucros, mas também estar cientes de seu impacto na sociedade e trabalhar ativamente para minimizar qualquer impacto negativo causado por suas operações.

- Reconhecer que os funcionários desempenham um papel central na jornada da empresa: colaboradores satisfeitos e engajados desempenham um papel fundamental no sucesso das instituições. Investir no seu desenvolvimento e bem-estar é um caminho para o crescimento sustentável.

- Definir, comunicar e viver um propósito de cura: empresas que buscam um propósito mais elevado devem ter uma missão clara, além do lucro. E é preciso comunicar isso de forma eficaz e, o mais importante, viver essa missão no dia a dia de suas operações.

Além disso, o especialista compartilhou um juramento de “empresa que cura”, com três princípios: “*primum non nocere*” (primeiro não prejudique); “*malus eradicare*” (erradique o mal); e “*amor vincit omnia*” (o amor conquista tudo).

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

ESG NOS HOSPITAIS ANAHP

Nova edição da publicação detalha mais de 130 projetos colocados em prática

Durante a abertura do Conahp, a Anahp lançou a segunda edição da publicação “ESG nos hospitais Anahp: resultados e boas práticas”, documento que reúne dados da atuação de seus associados nos três âmbitos ESG, com iniciativas relacionadas à humanização da assistência, gestão de resíduos, eficiência energética, inovação e tecnologia, entre outras temáticas emergenciais.

Os congressistas, além de terem acesso ao material em primeira mão, puderam conferir os cases no tótem localizado no lounge da Anahp durante o evento.

Com dados coletados entre 81 hospitais, os projetos em destaque visam dar visibilidade às práticas de governança, sustentabilidade ambiental e responsabilidade social do setor, mensurando o impacto positivo das ações das instituições privadas de saúde nos entornos de suas comunidades e para a sociedade como um todo.

Além dos 133 cases detalhados – que também estiverem em exposição durante o congresso –, a publicação traz números ge-

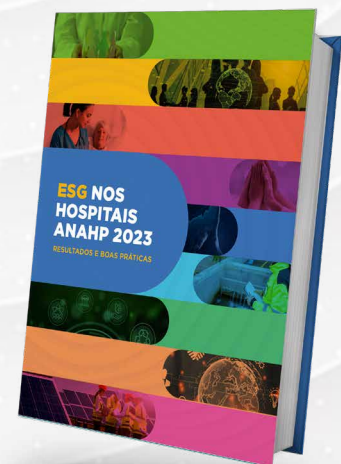


No Conahp, congressistas puderam conferir os cases da publicação no lounge da Anahp

rais de trabalhos colocados em prática no período entre junho de 2022 e junho de 2023: em 12 meses, 691 projetos foram desenvolvidos embaixo do guarda-chuva de ESG (*Environmental, Social and Governance*), 12,7 milhões de pessoas impactadas diretamente e mais de R\$ 507 milhões investidos.

“A pandemia de Covid-19 ampliou a importância dos critérios ESG ao destacar a interconexão global e a vulnerabilidade frente a desafios ambientais e sociais. Essa percepção reverberou na sociedade e se tornou um ponto de partida para o setor da saúde pública e suplementar, dada a urgência de

se promover uma abordagem mais integrada e sustentável para enfrentar desafios atuais e futuros”, destaca Antônio Britto, diretor-executivo da Anahp.



Confira a publicação completa aqui!

Patrocínio:

Medtronic

PALCO ESTRATÉGICO

O PAPEL DO MÉDICO

O médico tem um papel fundamental na transformação de um sistema de saúde mais ético e sustentável e não é de hoje que o sistema de saúde enfrenta desafios importantes de sustentabilidade. Com frequência, a incapacidade de gestão dos agentes públicos e privados, aumento dos custos assistenciais e modelos de

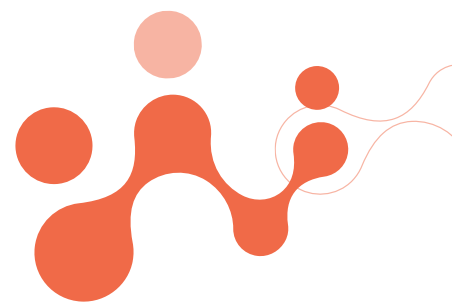
remuneração ineficazes, por exemplo, são argumentos utilizados para justificar a crise do setor, mas a responsabilidade do médico neste processo é pouco discutida.

No Conahp, o objetivo deste palco estratégico foi trazer uma discussão ética sobre a prática da medicina e a relação deste

elo fundamental da cadeia com os demais agentes do sistema.

O médico está efetivamente à margem da crise de sustentabilidade do setor? Qual é a responsabilidade do médico neste sentido? Como ele pode ser um vetor transformador das mudanças estruturantes que o sistema precisa?

PRINCÍPIOS ÉTICOS DA MEDICINA EM MEIO A NOVOS MODELOS ASSISTENCIAIS E DE GESTÃO



José Henrique Germann, Reynaldo Brandt, José Cechin, Donizetti Giamberardino, Giovanni Cerri e o moderador José Antônio de Lima abrem os debates do Palco O Papel do Médico

Sob a influência de tantos atores, a sustentabilidade do sistema de saúde também está diretamente ligada à atuação médica adequada e responsável, tanto do ponto de vista técnico quanto ético. Foi a partir desse mote que especialistas se reuniram no debate que abriu o Palco Estratégico “O Papel do Médico”, e destacaram, principalmente, os aspectos relacionados à formação médica como ponto de partida e crucial de atenção.

O tema debatido foi “A responsabilidade do médico para a sustentabilidade do sistema de saúde: uma discussão ética”, e participaram Donizetti Giam-

berardino, conselheiro Federal do CFM pelo Estado do Paraná; Giovanni Cerri, presidente do Instituto Coalizão Saúde (Icos) e dos conselhos do InRad e do InovaHC do HCFMUSP; José Cechin, superintendente-executivo do IESS; José Henrique Germann Ferreira, membro do Conselho de Ética da Anahp; Reynaldo Brandt, médico neurocirurgião do Hospital Israelita Albert Einstein e membro do conselho de Ética da Anahp; e o moderador José Antônio de Lima, ex-membro do Conselho de Ética da Anahp.

O atual cenário da qualidade médica é fruto do que Cerri chamou de “um caminho erra-

do” tomado no passado. “Pensou-se em resolver o problema da saúde formando médicos, mas esqueceu-se da qualidade”, declarou. O presidente do Icos chamou a atenção para o número inversamente proporcional de escolas médicas e vagas para residência, etapa considerada crucial para formar um profissional com qualidade. “Estamos chegando num futuro próximo em que a maior parte dos médicos exercerão a medicina sem fazer residência, o que não é suficiente.”

A falta de uma base forte na formação pode acabar afetando o exercício da profissão de maneira estrutural e prejudicar

etapas que exigem não apenas o conhecimento da medicina, mas comprometimento com a qualidade do cuidado e também com a sustentabilidade do setor como um todo. “As competências do médico têm papéis importantíssimos na sustentabilidade. Da prescrição, por exemplo, recorrem questões financeiras”, comentou Giamberardino.

O comprometimento dos médicos também se faz relevante num cenário em que a profissão, assim como outras no setor, passa por grandes transformações que ampliam sua responsabilidade. Se antes a medicina era uma prática individual, hoje ela exige ainda mais: além da inclusão de novas tecnologias, os modelos assistenciais e de gestão estão se transformando e pedindo que médicos saibam não apenas trabalhar em equipes multidisciplinares e serem capazes de coordená-las, mas também estejam familiarizados com a cultura de qualidade e do cuidado centrado no paciente e saber utilizar protocolos pré-estabelecidos e padronizados nas instituições. Ou seja, é necessário se enxergar como parte de um todo.

Nisto está inclusa a visão de que uma atitude tomada aqui na ponta tem poder de impacto no setor. Neste sentido, Cechin falou sobre o que tem enxergado, por meio das pesquisas do

IESS, em relação a desperdícios e fraudes e sobre a importância de ter profissionais comprometidos com objetivos e metas das instituições. “Temos que ter como meta zero desperdício, é uma tarefa contínua. É muito difícil identificar fraudes, ainda mais quantificar, porque não são visíveis a olho nu, precisam ser apuradas.”

Como, então, é possível vislumbrar uma mudança neste cenário? Uma das frentes diz respeito a investir numa cultura de avaliação e acreditação de escolas médicas. Segundo Giamberardino, a acreditação para essas instituições é voluntária. “Hoje temos pouco menos de 50 inscritas e 80 avaliadas”, esclarece. E completa: “A formação médica de qualidade é uma proteção para a sociedade.”

Na outra ponta, Germann sugere que as próprias instituições hospitalares invistam fortemente em processos que visem a qualidade do serviço prestado, como validações e acreditações, e a eficiência operacional – onde estão incluídos temas como desperdício, aprimoramento de processos administrativos e financeiro, por exemplo. “Com atitudes em busca da melhor qualidade e assistência, [a instituição] consegue atrair o médico comprometido, que tem consciência de sua responsabilidade enquanto profissional de saúde.”

E, além de todas as mudanças e novos cenários em que a profissão se encontra, é essencial não esquecer os fundamentos éticos da profissão, como relembra Reynaldo Brandt. “A partir da moralidade da nossa civilização, temos princípios éticos que são básicos da medicina, fundamentais. Mudam de nome e rótulo de acordo com modismo, mas seguem sendo os mesmos”, declarou. E listou princípios como a beneficência, autonomia dos médicos, justiça, veracidade, transparência e fidelidade, entre outros. “Temos que ter fidelidade a quem? Fontes pagadoras, nosso marketing? Não, com o nosso paciente.”

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

O PAPEL FUNDAMENTAL NAS INSTITUIÇÕES HOSPITALARES AO INCENTIVAR COMPORTAMENTOS ÉTICOS

O comportamento ético no contexto hospitalar é fruto de uma equação de envolve diferentes atores do sistema. E, sem dúvidas, conquistar o engajamento dos médicos – principalmente do corpo clínico aberto – é um dos maiores desafios. Os hospitais precisam ser agentes ativos neste contexto explorando o leque de possibilidades que têm nas mãos para promover ações de incentivo não apenas ao comprometimento com a instituição, mas comportamentos éticos e mais conscientes em relação ao sistema.

No painel “A atuação das instituições hospitalares para incentivar comportamentos éticos e conscientes”, os debatedores tiveram a oportunidade de compartilhar o que vem sendo desenvolvido em suas instituições neste sentido. Participaram Leandro Reis Tavares, vice-presidente médico e de Serviços Externos da Rede D’Or São Luiz; Luiz Francisco Cardoso, diretor de Governança Clínica do Hospital Sírio-Libanês; Paulo Marcelo Zimmer, diretor de Operações Médicas no Hospital Israelita Albert Einstein; Victor Piana, CEO do A.C. Ca-

margo Cancer Center; e a moderadora da mesa Camila Sardenberg, diretora corporativa de Qualidade e Segurança do Paciente da Associação Congregação de Santa Catarina e coordenadora do Grupo de Trabalho Organização do Corpo Clínico da Anahp.

Para Zimmer, mesmo no contexto de um corpo clínico de 13 mil médicos, como é o caso do Einstein, não tem sentido em enxergar esses profissionais

alheios à instituição. Mas, para que o engajamento aconteça, há um caminho a percorrer e que tem a ver com envolvê-los nos processos do hospital. Por isso, além de um “onboarding bem-feito”, é necessário investir em acompanhamento, o que consiste em incluí-lo em programas institucionais e apresentar, a partir de uma comunicação clara, tudo o que acontece a partir do atendimento ao paciente. “Temos modelos que permitem perceber o engaja-



Participaram do debate Luiz Francisco Cardoso, Victor Piana, Paulo Zimmer, a moderadora Camila Sardenberg, e Leandro Tavares

mento do médico e, quando há desvios desses padrões, o corpo clínico, dentro de um fórum, trata e ajuda em um modelo de regulação”, conta o diretor.

Cardoso apontou alguns critérios que devem nortear as ações das instituições que perseguem a ética, chamando a atenção para políticas de *compliance* bem definidas – entre elas o destaque para canais abertos para manifestações da equipe, paciente e acompanhantes; fundamentar uma cultura transversal voltada para a ética – capitalizada pela instituição e dentro de práticas claras; políticas de ESG – trabalhar com diversidade e respeito a todas as pessoas e gerações; governança estruturada e organizada; e uma liderança transparente que dê o exemplo. “Não é só dizer ou ter no papel um planejamento estratégico, mas executá-lo de maneira clara e de forma que todos possam opinar”, disse.

O diretor também listou algumas iniciativas colocadas em prática em seu dia a dia: “Temos vários fóruns em que discutimos práticas médicas, além de um sistema interno que chamamos de *feedback* médico. Além disso, buscamos monitorar alguns indicadores que nos permitam fornecer para o médico uma classificação e onde podemos acompanhar sua evolução no hospital”, exemplificou.

Trazendo a experiência de uma realidade diferente, Victor Piana contou que o A.C. Camargo atua com corpo clínico fechado, do qual fazem parte 700 médicos. Neste contexto, os profissionais podem ser ativos em grupos executivos, onde contribuem na criação de modelos de governança, protocolos assistenciais etc. “Temos um comitê médico científico muito forte dentro da instituição, onde discutimos temas muito importantes e onde tudo é muito coordenado e avaliado o tempo todo (...). Nenhum médico se sente dono do paciente porque ele é institucionalizado e o médico aplica o protocolo previamente estabelecido”, contou.

Além disso, no A.C. Camargo há regras claras e únicas sobre contratação de honorários médicos com operadoras e relacionamento com a indústria, por exemplo, que ajudam a mitigar questões éticas. “Quando iden-

tificamos um caso – e acontece! – levamos para o comitê e a consequência já está pré-definida. A cultura é forte, quem não adere, não fica”, declarou o CEO.

Leandro Tavares chama a atenção para a dificuldade que há, muitas vezes, em identificar comportamentos não-éticos e para a necessidade de insistir. “Eu entendo que a busca pela melhora é um compromisso com um processo (...). E a força do propósito tem que partir da alta administração e permear até a base”, afirmou. Para ele, o profissional que quiser, vai burlar as regras, mas cabe à instituição buscar meios para impedir.

Neste sentido, deu um exemplo do que tem sido realizado pela Rede D’Or, que agora também realiza uma auditoria externa de dados assistenciais. Para o vice-presidente médico, “acabou a época de confiar nos dados que nós mesmos reportamos, estamos num compromisso contínuo de melhoria da qualidade e temos auditoria externa para garantir”.

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

SUSTENTABILIDADE ECONÔMICA PASSA PELO COMPARTILHAMENTO DE RISCOS

A sustentabilidade econômica da saúde é um dos principais desafios do setor e todos os elos dessa cadeia têm parte na responsabilidade. O debate “A atuação das operadoras de planos de saúde e da indústria para a sustentabilidade do setor” contribuiu neste sentido, pesando no papel desses *players* na busca por soluções efetivas.

Participaram do debate Ricardo Milano, diretor de Marketing da Medtronic; Ricardo Cohen, médico do Centro de Obesidade e Diabetes do Hospital Alemão Oswaldo Cruz; Anderson Mendes, presidente da Unidas; Fernando Silveira, CEO da Abimed; Franco Pallamolla, vice-presidente de Relações Institucionais da Abimo; e o moderador Paulo Nigro, CEO do Hospital Sírio-Libanês.

Dando início às discussões, Nigro afirmou que “todos estamos fazendo esforços para reduzir as despesas, mas só vamos ter equilíbrio com uma mudança de modelo”.

Milano defendeu que o problema central é uma atenção que ainda não está totalmente voltada ao paciente e um sistema que continua privilegiando volume e não desfecho. “É preciso estabelecer uma medida baseada nos resultados clínicos e todos os envolvidos devem compartilhar os riscos pelo desfecho”, avaliou.

Dando um exemplo do que vem sendo aplicado na instituição onde atua, Cohen apresentou um programa que atende pacientes que sofrem com a “diabesidade” e mostrou como é

possível estimar desfechos dentro de uma jornada monitorada e cercada por indicadores do início ao fim. “Dessa maneira, podemos oferecer previsibilidade de custos e da variabilidade de resultados, além de garantir total transparência sobre todo o processo”, explicou.

Mendes concordou com essa mudança de perspectiva, mas alertou que tudo isso não será suficiente sem a valorização da prevenção. “É preciso educar as pessoas, mudar os seus hábitos, pois elas vão viver cada vez mais. Temos que cuidar para que as populações saudáveis não adoçam”, recomendou.

Silveira destacou o potencial da tecnologia para integração e coordenação das diversas etapas do processo da assis-



Franco Pallamolla, Fernando Silveira, Anderson Mendes, Filipe Milano, Ricardo Cohen e o moderador Paulo Nigro durante o debate no Conahp

tência, providência que pode facilitar, por exemplo, o entendimento sobre novos formatos de remuneração. “Ainda temos um gap de oito anos em relação aos países mais desenvolvidos quando se trata da incorporação de inovações na operação”, contou.

Franco Pallamolla lembrou que não existem soluções simples para problemas complexos e acredita que “entramos em um ecossistema muito complexo sem planejamento ou visão única que permita ações racionais rumo a resultados práticos. Temos que ajustar isso”.

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

FORMAÇÃO MÉDICA COM ÉTICA COMEÇA NO VESTIBULAR



Carlos Ferrara Junior, César Eduardo Fernandes, Luiz Vicente Rizzo e o moderador Luiz Fernando Reis debatem durante o congresso

A formação médica é fundamental para a construção de um sistema de saúde que seja eficiente, é claro, mas, ao mesmo tempo, ético e com foco na equidade e no cuidado humanizado. Esse foi o mote do debate “A formação médica e seus impactos para um sistema de saúde ético, qualificado

e eficiente: qual o papel das universidades?”, que encerrou as discussões propostas pelo Palco Estratégico O Papel do Médico.

Fizeram parte da conversa Carlos Ferrara Junior, pró-reitor acadêmico da Universidade São Camilo; César Eduardo Fernandes, presidente da



Associação Médica Brasileira (AMB); Luiz Vicente Rizzo, diretor superintendente do Instituto de Pesquisa Albert Einstein; e o moderador Luiz Fernando Reis, diretor de Ensino e Pesquisa do Hospital Sírio-Libanês e coordenador do GT de Ensino e Pesquisa da Anahp.

Ferrara Junior destacou em sua fala a necessidade de valorizar a preparação humanística dos alunos durante a formação. “Além dos profissionais, é preciso pensar em qual tipo de cidadãos estamos formando”, declarou.

Rizzo, diretor superintendente do Instituto de Ensino e Pesquisa Albert Einstein, contou que o curso de Medicina do Einstein considera as chamadas *soft skills* desde o processo seletivo. “Fazemos isso com uma etapa de entrevistas para escolher os indivíduos mais apropriados às demandas atuais da

profissão e evoluir para um formato mais inclusivo”, explicou. Medida aprovada também por Reis: “O processo exclusivamente cognitivo exclui talentos e aumenta os danos de desigualdade econômica”, opinou.

Para Fernandes, a questão é ainda mais profunda, pois a maioria das universidades não está sendo capaz de fazer o básico, que é formar um médico com as mínimas capacidades técnicas. “A primeira regra ética é ser competente. Não é ético exercer a medicina sem competência”, resumiu. E o problema não está restrito à formação universitária. “Terminei minha especialização em 1978 e nunca me cobraram uma atualização”, exemplificou.

Para o presidente da AMB, é urgente instituir um sistema para aferir as competências do formando, tanto para iniciar sua atuação profissional

– assim como faz a OAB com os bacharéis em Direito, como periodicamente para garantir que o profissional se mantenha atualizado e apto a entregar um atendimento seguro. “Precisamos de médicos melhores em todos os sentidos”, enfatizou.

Nesse esforço, Reis destacou o papel dos professores, que hoje têm função mais voltada a apoiar o aprendizado e guiar o aluno para que ele próprio descubra o conhecimento. “Os estudantes vão, mas o corpo docente fica, por isso é preciso dar atenção contínua para a sua preparação”, finalizou.

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

PALCO ESTRATÉGICO



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A Inteligência Artificial (IA) na área da saúde tem revolucionado a forma como diagnosticamos, tratamos e monitoramos os pacientes. Essa tecnologia está melhorando drasticamente os resultados, produzindo diagnósticos mais precisos e permitindo tratamentos mais personalizados. A capacidade da IA em analisar rapidamente grandes quantidades de docu-

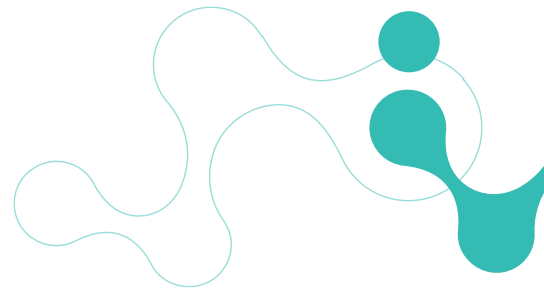
mentação clínica ajuda os profissionais do setor e médicos a identificarem marcadores e tendências de doenças que, de outra forma, seriam ignorados.

A adoção da IA também tem modificado muitos dos aspectos administrativos da assistência médica. Ao automatizar tarefas comuns, como entrada de dados, processamento de sinistros

e agendamento de consultas, o uso de IA pode liberar tempo para que os prestadores se concentrem no atendimento ao paciente e no gerenciamento do ciclo de receita. Além disso, a tecnologia também tem o potencial de reduzir o erro humano, fornecendo uma maneira mais rápida de revisar registros de saúde, processamento de reclamações e resultados de testes.

Com a ampliação da Inteligência Artificial, os sistemas de saúde podem se tornar mais inteligentes, rápidos e eficientes na prestação de cuidados a milhões de pessoas. O maior desafio da IA, no entanto, é garantir sua adoção na prática clínica diária. O objetivo deste palco estratégico foi apresentar cases práticos, nacionais e internacionais, sobre como a Inteligência Artificial tem sido empregada no setor e os resultados obtidos até então.

COMPUTAÇÃO QUÂNTICA É UM FUTURO BEM PRÓXIMO



No painel que abriu os debates do Palco Estratégico Inteligência Artificial, com o tema “Computação quântica e a disrupção da saúde”, especialistas ofereceram *insights* sobre como essa tecnologia emergente está moldando o futuro da medicina e da indústria do setor.

Participaram das discussões Carlos Pedrotti, gerente médico do Centro de Telemedicina do Hospital Israelita Albert Einstein e presidente da Saúde Digital Brasil (SDB); Carlos Rischioto, Principal Client Engineering Manager - Architect & Blockchain SME da IBM Technology Latin America; Felipe Cabral, gerente médico de Saúde Digital do Hospital Moinhos de Vento e coordenador do GT Tecnologia e Inovação em Saúde da Anahp; Helen Mazarakis, diretora na Associação Brasileira de Startups de Saúde (ABSS); e o moderador Rafael Barbosa, CEO da Bionexo.

Helen Mazarakis abordou a aparente intangibilidade da computação quântica, que na maioria das vezes parece ficção científica. “Mas, apesar dessa impressão de ser fora da nossa realidade, já é hora de as organizações começarem a desenvolver o pensamento quântico, pois a tecnologia vai oferecer

uma capacidade de processamento com potencial para transformar o modelo de negócios”, explicou. Ela admitiu, no entanto, que a bola ainda está com as *startups*. “Ainda temos muita coisa para fazer, para olhar, mas vai ser mais rápido do que a gente imagina”, garantiu.

Rischioto ponderou que a discussão sobre inovação acabou ficando um pouco banalizada por promessas e expectativas revolucionárias que nunca se concretizam. Mas, em sua opinião, a computação quântica é diferente. “Neste caso, realmente é uma mudança de paradigma, pois estamos mexendo na forma como os computadores trabalham. Vamos saltar de uma ordem linear para uma exponencial”, explicou.

Felipe Cabral destacou que é necessário compreender o que está acontecendo e como isso pode impactar a medicina, apri-

morando a indústria farmacêutica com análise de moléculas e os tratamentos com chips, por exemplo. “Tudo isso dentro da perspectiva de que a tecnologia não vai substituir o profissional de saúde, mas quem não estiver em sintonia com essa evolução será substituído por outros profissionais que estão”, avisou.

Pedrotti abordou os avanços esperados na análise e aplicação de dados em saúde. “Hoje armazenamos as informações de forma analógica. Com opções mais eficientes e rápidas, vamos abrir um mundo de possibilidades”, finalizou.

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.



O moderador Rafael Barbosa comanda o debate entre Helen Mazarakis, Carlos Rischioto, Felipe Cabral e Carlos Pedrotti

ÉTICA NA APLICAÇÃO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL DEPENDE DO COMPROMETIMENTO DAS PESSOAS

O painel “Desafios éticos da Inteligência Artificial na saúde” reuniu especialistas para compartilhar suas visões e reflexões sobre as implicações do crescente uso da tecnologia pelo setor. Participaram desse debate Romeu Domingues, presidente-executivo do Conselho de Administração da Dasa e conselheiro Anahp; Cezar Taurion, Chief Strategy Officer da Redcore; Juliano Maranhão, professor associado da Faculdade de Direito da USP; e o moderador Diogo Dias, diretor operacional do Hospital Mater Dei Porto Dias.

Domingues destacou de início o potencial que a IA oferece para beneficiar o setor e os pacientes, sobretudo com suporte inteligente para diagnósticos e a decisão médica. “Mas, tudo isso deve ser operado com senso crítico e por profissionais técnica e etica-

mente qualificados para atuar nesse ambiente”, ponderou.

Taurion citou a capacidade da ferramenta para reconhecer padrões e fornecer respostas probabilísticas, mas ressaltou que ela não chega a decisões sozinha. “É uma tecnologia excelente, mas falta a compreensão humana e, obviamente, a adesão a princípios éticos. Ela nos fornece a resposta certa. Se é moral, nós que decidimos”, explicou.

Ele ainda acrescentou que não adianta jogar essa responsabilidade para uma eventual regulamentação, que sempre vai chegar atrasada. “O nível de avanço tecnológico é muito rápido e as regras levam tempo. Nós é que vamos ter que gerenciar a ferramenta”, afirmou. Dessa maneira, Taurion acredita que diversas vezes será levantado o dilema entre poder e dever usar a IA. “Vamos ter que sempre avaliar os riscos”, destacou.

Juliano Maranhão alertou que nem sempre a resposta da IA será correta citando vieses que podem gerar decisões discriminatórias. Além disso, completou, existe um enorme risco de privacidade

no processamento de dados sensíveis e pessoais. “Por isso, é fundamental regulamentar a aplicação da IA levando em consideração os desafios da aplicação da Lei Geral de Proteção de Dados e as particularidades do setor de saúde. E temos que pensar de forma local, de acordo com a nossa estrutura e realidade”, opinou.

Taurion reforçou a necessidade de contemplar o assunto de forma muito clara e aprofundada, com aderência ao *compliance* de cada organização e às regulamentações do setor. “De qualquer maneira, nós é que precisamos decidir quando vamos usar e de que forma vamos usar. E também cabe a nós definirmos os processos”, finalizou.

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.



No debate: o moderador Diogo Dias, Cezar Taurion, Romeu Domingues e Juliano Maranhão

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMEÇA A SE TORNAR REALIDADE NA SAÚDE

No painel “Aplicabilidade da Inteligência Artificial na saúde: experiências nacionais e internacionais bem-sucedidas e escaláveis”, os debatedores destacaram o crescente interesse na integração da tecnologia nos sistemas de saúde, enfatizando o impacto positivo que isso pode ter na eficiência, precisão e qualidade dos serviços médicos. Eles também observaram que, embora a IA já tenha feito incursões significativas na gestão, ainda há amplo espaço para sua aplicação nas atividades clínicas.

Participaram da discussão Anthony Eigier, cofundador e CEO da Neuralmed; Renzo Ziegler, head de Dados da Kuri Saúde; e a moderadora Helen Mazarakis, diretora na Associação Brasileira de Startups de Saúde (ABSS).

Eigier citou, por exemplo, o potencial da tecnologia para desenvolver mecanismos capazes de prever com antecedência razoável as necessidades dos pacientes e apresentar uma estimativa dos impactos na operação

hospitalar. “Isso permite uma proatividade que melhora desfechos clínicos, deixando o paciente longe do hospital e oferecendo cuidado ativo baseado em dados”, explicou.

Por sua vez, Ziegler chamou a atenção para a oportunidade de utilizar IA para priorizar a alocação de profissionais, seja na assistência ou na administração. “Muitos processos são manuais atualmente, o que resulta em ineficiências, pressão sobre as equipes e risco de erros. A IA pode fazer diversas



Helen Mazarakis moderou o debate entre Anthony Eigier e Renzo Ziegler, que compartilharam experiências bem-sucedidas da IA na saúde

dessas tarefas com mais precisão e produtividade, e liberar equipes para atividades mais estratégicas”, afirmou.

Eigier também destacou o desafio de gerenciar grandes volumes de dados para demonstrar como a IA pode ser empregada de maneira prática. “Às vezes, você sabe que tem a informação, que ela foi produzida, mas não consegue encontrar. Os algoritmos auxiliam na organização dessas informações e, depois, na análise para gerar inteligência e valor para a organização”, explicou.

Ao discutir as tendências, ele estimou que a IA vai se tornar,

em breve, parte essencial de todos os sistemas de saúde. Tanto que, com a tecnologia cada vez mais integrada às práticas cotidianas, as startups dedicadas ao tema devem diminuir. “E isso já deve ocorrer a partir do ano que vem”, previu.

Ziegler mencionou a crescente popularização da tecnologia fora do campo técnico, com acesso cada vez maior entre profissionais de saúde e pacientes. “Nesse sentido, é preciso agradecer ao ChatGPT, que deu visibilidade e mostrou o funcionamento na prática”, revelou. Ele disse acreditar que a evolução será contínua, desde que seja dedicado tempo

para pensar, inovar e aprimorar.

E os especialistas concordaram que o aumento da aplicabilidade vai, de fato, revolucionar o setor, melhorando a eficiência, a precisão e a qualidade dos serviços. Tudo isso com inovações que já existem e muitas outras que estão a caminho.

DESAFIO DE INOVAÇÃO DO CONAHP 2023



Patrocínio:

bionexo

Parceria:



Pensado pela Anahp em parceria com a Associação Brasileira de Startups de Saúde (ABSS) e patrocínio da Bionexo, o Desafio de Inovação do Conahp 2023 buscou aproximar *startups* das instituições de saúde para a geração de soluções efetivas e alinhadas às principais dores do mercado de saúde.

Com o objetivo de capacitar e acelerar o desenvolvimento do processo de inovação e transformação digital nos hospitais, neste ano o programa trouxe como mote central a Inteligência Artificial (IA) e suas aplicações para o segmento hospitalar. Para que pudessem participar do processo, só poderiam se inscrever *startups* que apresentassem

soluções com aplicações de IA nas categorias: Gestão e Processos; Atendimento e experiência do paciente; Modelos de assistência.

Ao todo, foram 25 *healthtechs* inscritas e, após as etapas de seleção e apresentação de *pitchs* ao vivo, 10 finalistas foram escolhidas como as melhores para participar e expor suas soluções aos congressistas do Conahp, em uma área de inovação exclusiva. Dentre elas, três *startups* se consagraram as grandes vencedoras desta edição e puderam participar também de um bate-papo que aconteceu durante a programação do Palco Estratégico Inteligência Artificial.

Com soluções inovadoras, as *healthtechs* vencedoras, **UpFlux Process Mining**, **Consentimento** e **HOOBOX Robotics**, puderam demonstrar como a IA pode otimizar processos, desbloquear informações e aprimorar a eficiência no atendimento ao paciente.

A UpFlux Process Mining é especializada na otimização de processos, algo essencial para a eficiência das organizações. Alex Meinheim, CEO da *startup*, ressaltou que “todas as empresas dependem de processos”, destacando que, na saúde, eles podem ser extremamente complexos. “Quando há falhas, ocorrem desconroles que afetam a jornada do paciente e a sus-



tentabilidade financeira das instituições”, alertou.

Guilherme Sakajiri, fundador e CEO da Comsentimento, apresentou a sua *startup* como especializada em processa-

mento de dados. Ele enfatizou o desafio de lidar com o vasto volume e a complexidade das informações na área da saúde. A empresa desenvolveu ferramentas que auxiliam na compreensão e no desbloqueio dos dados, com aplicações que vão desde o recrutamento para pesquisa clínica até a criação de Inteligência Artificial que compreende as informações para otimizar o sistema. Sakajiri destacou que “o objetivo é fazer com que pessoas e a IA trabalhem juntas, potencializando o que nem uma nem ou-

tra poderiam fazer sozinhas”.

Paulo Gurgel Pinheiro, CEO da HOOBOX Robotics, introduziu a empresa como uma solução para otimizar as jornadas hospitalares por meio da IA para evitar gargalos, ineficiências e perda de receita. Ele apontou, por exemplo, que 100% dos pedidos dos pacientes nos hospitais são intermediados pela Enfermagem, mas 60% deles não têm relação com os serviços do setor. “Nossa inovação está em prever as demandas e antecipar as necessidades, contribuindo para uma assistência médica mais eficiente”, finalizou.



O moderador Ubirajara Maia (Bionexo) conduziu a conversa entre as três *startups* vencedoras do desafio, representadas por Alex Meinheim (UpFlux Process Mining), Guilherme Sakajiri (Comsentimento) e Paulo Gurgel Pinheiro (HOOBOX Robotics)

CONHEÇA A SEGUIR AS 10 STARTUPS FINALISTAS DO DESAFIO QUE ESTIVERAM NO CONAHP 2023



O aplicativo de inteligência artificial desenvolvido pela AI Pathology Tech, chamado Nevo, capacita as pessoas a monitorarem e identificarem potenciais problemas dermatológicos de forma fácil e precisa.



A Alabia atua em diversos segmentos de robôs de serviço adaptados para melhorar a eficiência, a segurança e o atendimento aos pacientes em hospitais. No suporte ao paciente, na logística ou limpeza e desinfecção, os robôs são projetados para se integram aos ambientes de saúde.



A Beevi é uma inteligência artificial desenvolvida para auxiliar no rastreamento e monitoramento de doenças crônicas respiratórias e cardíacas em ambientes de pronto atendimento, pronto-socorro e atenção primária à saúde.



A Comsentimento organiza dados de saúde, através do uso de inteligência artificial, para acelerar a aprovação e o acesso a novos tratamentos, começando pelo câncer. A solução pode ser usada para identificar pacientes com base em qualquer característica clínica, inclusive utilizando campos não estruturados, melhorando a jornada de cuidado.



A EmpregaSaúde conecta profissionais e instituições da saúde em um único lugar. A startup se destaca em RH, tecnologia e inovação, oferecendo soluções que abrangem transição de carreira e recolocação profissional para executivos. A ferramenta permite que os serviços de saúde gerenciem e acompanhem candidatos de forma eficiente, inteligente, ágil e organizada.



A Hi! é uma plataforma de *health analytics* que auxilia sistemas de saúde na gestão de custo-efetividade e desperdícios nos tratamentos de alto custo. Uma plataforma que, além de coletar desfechos em saúde diretamente com o paciente (PROMs e PREMs), é capaz de realizar diagnósticos de análises econômicas em saúde e gerar algoritmos personalizados para o desenvolvimento de estratégias para prevenção e predição de novos eventos de alto custo.


 hoobox

Neonpass Room, solução desenvolvida pela HOOBOX, vem sendo utilizada por grandes hospitais do Brasil para reduzir em mais de 50% a carga de trabalho da enfermagem, sem mudanças em escalas ou protocolos. A plataforma utiliza IA para encaminhar os pedidos de pacientes via dispositivos móveis diretamente aos departamentos apropriados.


 Kidopi

O CleverCare, da Kidopi, permite criar planos de cuidado personalizáveis para pacientes por múltiplos canais, como SMS e WhatsApp, utilizando protocolos baseados em eventos, processamento de língua natural e *feedback* humano, garantindo comunicação fluida e personalizada.


 TECH
PAIN

A TechPain é uma plataforma de monitoramento remoto que facilita a comunicação entre pacientes com dor crônica e equipe de saúde para tratamentos mais eficazes, precisos e seguros. O paciente registra diariamente seus sintomas no aplicativo, enquanto os profissionais de saúde acompanham em tempo real a evolução do tratamento.


 UpFlux

A UpFlux utiliza inteligência artificial para compreender processos e como eles acontecem na prática, permitindo identificar ineficiências e gargalos ocultos. Com a UpFlux, é possível obter um controle mais ágil e automatizado, o que leva a uma melhoria contínua e aumento da eficiência operacional.



PALCO ESTRATÉGICO

VBHC

O modelo de Value-Based Healthcare (VBHC) foi pensado com o propósito de reduzir custos e desperdícios assistenciais, mas, ao mesmo tempo, aumentar a qualidade oferecida aos pacientes e a valorização dos profissionais.

Com esta perspectiva, o objetivo deste palco estratégico foi conhecer os casos de sucesso, nacionais e internacionais, que efetivamente estão conseguindo colocar em prática este conceito tão discutido na saúde, mas tão complexo de executar, bem como conhecer os resultados dessas iniciativas.

PARA MARCIA MAKDISSE, O VALOR É PARA AS PESSOAS

A necessidade de transição para um modelo de gestão da saúde baseado em valor (VBHC) é objetivo comum entre os líderes do setor, mas todos concordam que os desafios para avançar nessa direção são grandes. Por isso, Marcia Makdisse, sócia-fundadora da Academia VBHC, enfatizou que é hora de

colocar essa transformação no centro das prioridades e preparar, de fato, as organizações para este salto, começando pela informação.

“Atualmente, apenas 34% dos profissionais compreendem realmente o que é valor em saúde. Então, tornar-se uma orga-

nização direcionada por VBHC requer uma enorme mudança cultural, desde a linha de frente até o conselho de administração e a alta liderança, que tem a obrigação de criar o contexto para gerar engajamento”, explicou Makdisse.

Além de compreender, é indispensável repensar a agenda de valor, continuou a especialista. “Valor tem que ser para as pessoas. A gente não sabe o que importa para as pessoas, mas elas sabem. Então, precisamos ouvi-las”, recomendou. Nessa linha, Paola Andreoli, gerente da Qualidade e Segurança do Paciente no Hospital Alemão Oswaldo Cruz, sugeriu criar mecanismos para “demonstrar ao paciente que ele é bem-vindo em nossa organização”.

Felipe Duarte Silva, gerente de Pacientes Internados e Práticas Médicas do Hospital Sírio-Libanês, lembrou que o setor apresenta diferentes estágios de



O debate que abriu o a programação do Palco Estratégico VBHC contou com apresentação de Marcia Makdisse e com os debatedores Paola Andreoli e Felipe Duarte Silva, além do moderador Luiz Fernando Ribas

maturidade em relação à adoção do VBHC, e enfatizou que o valor não pode ser expresso apenas em números. “Devemos estabelecer exatamente qual é o objetivo do cuidado considerando principalmente o que o paciente espera”, opinou.

Makdisse destacou que a meta fundamental é entregar qualidade de vida e funcionalidade às pessoas, respeitando as suas decisões. “O primeiro passo é começar a medir desfechos e, mais do que isso, utilizar as infor-

mações para iniciar ciclos de melhoria”, ensinou. E, para reforçar o alerta, contou que, na Europa, 89% das organizações realizam coleta de desfecho, mas que metade delas não usam os dados em ações práticas. “Neste caso, é só mais um custo”, afirmou.

Andreoli também convocou para uma agenda colaborativa para “fazer funcionar esse quebra-cabeça” com o alinhamento de interesses. “Só conseguimos ganhar quando todos estiverem ganhando”, resumiu. Makdisse finalizou chamando para a criação de uma rede de valor, juntando quem paga a quem recebe e, sobretudo, “trazendo o paciente para esse ecossistema”.



Marcia Makdisse durante sua fala no Conahp 2023

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

VBHC EXIGE VISÃO GLOBAL E ENGAJAMENTO DE TODA A CADEIA ASSISTENCIAL

A busca por uma transformação no sistema de saúde na direção de um modelo Valued-Based Healthcare (VBHC) é um desafio global, e Melanie Snail, gerente da Executive Insight, trouxe alguns exemplos de experiências bem-sucedidas nos Estados Unidos e na Europa para demonstrar como a aplicação do conceito pode entregar resultados expressivos em termos de qualidade assistencial e economia de recursos. Sua fala foi no painel “A transformação do sistema de saúde para atingir a VBHC – cases internacionais”, moderado por Ana Petry, *head* de Assuntos Corporativos e Acesso ao Mercado na Viatrix.

“Para funcionar, a mudança tem que considerar todos os envolvidos na cadeia assistencial e eles também devem compreender a necessidade de integração para a geração de valor”, explicou Snail. E adiantou que essa equação é complexa. “A implementação é uma dança que requer adaptação e, mesmo com as condições ideais, é difícil chegar ao equilíbrio.” Segundo ela, não é razoável esperar resultados da noite para o dia.

Na prática, é preciso identificar claramente o problema e os possíveis caminhos para desenvolver a solução antes de iniciar o engajamento dos parceiros.



No telão, Melanie Snail fala sobre experiências bem-sucedidas em VBHC nos Estados Unidos e Europa, e sua participação contou com a medição de Ana Petry

“Com tudo isso bem-organizado, junte os *stakeholders*, integre as ações, crie indicadores e lance a iniciativa. Em seguida, comece a medir os resultados”, ensinou.

Nessa integração, os gestores não podem perder a oportunidade de garantir alguns benefícios fundamentais, como o compartilhamento dos riscos financeiros, a capacitação dos profissionais de saúde por meio do conhecimento multidisciplinar disponível e o desenvolvimento de uma perspectiva holística de analisar o sistema para gerar, de fato, valor aos pacientes.

Para comprovar que a teoria funciona, ela mostrou alguns cases estruturados nessa lógica de identificar claramente a necessidade, destacar soluções viáveis e engajar as partes interessadas. Nesse sentido, contou como o Estado de Connecticut, nos Estados Unidos, enfrentando uma

crise financeira, cortou custos ao mesmo tempo em que gerou mais valor aos beneficiários dos seus planos de saúde, unindo os sindicatos e funcionários públicos, além dos serviços assistenciais, em uma grande campanha de prevenção e utilização mais racional dos recursos de saúde.

“O ambiente hospitalar é o nível fundamental para consolidar uma cultura de VBHC e desenvolver boas práticas e protocolos para estabelecer a assistência focada no paciente”, finalizou.

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

MEDIR DESFECHO SÓ FAZ SENTIDO SE RESULTAR EM CICLOS DE MELHORIA DE VALOR

No painel “VBHC na prática: melhoria da qualidade impulsionada pelos desfechos”, hospitais associados à Anahp apresentaram experiências bem-sucedidas para demonstrar como os programas que medem desfecho podem levar, de fato, a ciclos de melhoria de valor. “Essas iniciativas não devem existir apenas porque é bonito ter, mas é preciso realmente transformar. E só transforma efetivamente se o propósito for, de fato, melhorar a experiência do paciente”, afirmou Ary Ribeiro, diretor-executivo da Elibré Clínica de Saúde Mental, que foi moderador da mesa.

Alexandre de Matos Soeiro, coordenador do Grupo de Insuficiência Cardíaca do Hcor, validou a colocação e garantiu que o programa que lidera apresenta bons resultados principalmente porque “o foco é o paciente e não o hospital”. No caso, trata-se de um projeto em Cardiolo-

gia em que a captação de dados é realizada ao longo de toda a jornada do paciente para entender a população atendida, identificar gargalos e aprimorar o controle desde o momento da internação até a alta. “E temos uma equipe multidisciplinar que desempenha papel fundamental na avaliação dos desfechos clínicos e no impacto na qualidade de vida do paciente”, explicou.

“Tudo é avaliado com métricas específicas e o paciente é sempre encaminhado para o cuidado mais indicado, inclusive para um programa de reabilitação após a alta, pois um dos objetivos do programa é evitar a reinternação”, contou Soeiro. Com essa jornada controlada e dados integrados e bem analisados, o Hcor fechou um acordo com a SulAmérica, que paga um pacote para cada paciente, com bônus para cumprimento de metas.

Felipe Duarte Silva, gerente de Pacientes Internados e Práticas Médicas do Hospital Sírio-Libanês, destacou que a medida de desfecho deve servir essencialmente para melhorar a experiência do paciente. “Mas como eu quantifico qualidade de vida?”, questionou. “Por isso, a medida tem que ser feita pela ótica do paciente com foco para a condição de saúde”, disse.

Mário Lenza, gerente médico no Hospital Israelita Albert Einstein, acrescentou a importância de preparar e engajar um corpo clínico multidisciplinar na tarefa. Ele destacou que é necessário estabelecer protocolos claros e garantir que a equipe confie nos dados apresentados. “Além disso, oferecemos *feedbacks* periódicos e fazemos comparação anônima dos resultados para estimular uma competição saudável e a incorporação das boas práticas com resultados comprovados”, finalizou.



Mário Lenza, Felipe Duarte Silva, o moderador Ary Ribeiro e Alexandre de Matos Soeiro durante apresentação de cases de VBHC

Clique aqui para ler a Visão Acadêmica deste debate!

Discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) compartilham principais aprendizados e aplicações práticas sobre o tema.

VISÃO ACADÊMICA

A convite da Associação Nacional de Hospitais Privados (Anahp), discentes do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde (Proahsa/HCFMUSP) acompanharam os debates do Conahp e compartilharam, a partir de uma visão acadêmica, principais aprendizados e aplicações práticas sobre os temas discutidos.

Confira, a seguir, os destaques de cada um deles.



Arthur Junqueira



Especializando em Administração em Saúde e Gerontólogo do PROAHSa/HCFMUSP

A ATUAÇÃO DAS OPERADORAS DE PLANOS DE SAÚDE E DA INDÚSTRIA PARA A SUSTENTABILIDADE DO SETOR?

Principal aprendizado

- É evidente que a gestão da saúde suplementar no Brasil enfrenta desafios significativos, principalmente quando se trata da "diabesidade", uma questão complexa e dispendiosa.
- A abordagem baseada em valor (VBHC) oferece uma perspectiva promissora.
- A integração de cuidados, o foco nos desfechos clínicos e econômicos, e o uso de dados gerenciados para prever custos têm o potencial de transformar o setor.

Aplicação prática

- Considerar e implementar tais abordagens para melhorar a qualidade dos cuidados e tornar o sistema de saúde suplementar mais eficiente e acessível para todos os beneficiários.

COMPUTAÇÃO QUÂNTICA E A DISRUPÇÃO DA SAÚDE

Principal aprendizado

- A ideia da disrupção da computação quântica.
- Capacidade de processamento sem precedentes que tem implicações significativas para vários os setores, inclusive para a saúde.

Aplicação prática

- Como a combinação de inteligência artificial com computadores quânticos pode acelerar a resolução de problemas complexos, como análise de dados clínicos e descoberta de medicamentos.



Carolina Ko Chen

Médica residente do PROAHS/A/HCFMUSP



COM A CRESCENTE DEMANDA DO SUS, QUAIS AS REAIS NECESSIDADES DO MS E OS CAMINHOS VIÁVEIS PARA A INTEGRAÇÃO PÚBLICO-PRIVADA NA SAÚDE DE FORMA EFETIVA E ESTRUTURADA?

Principal aprendizado

- Importância das parcerias público-privadas.
- Com planejamento, os resultados são positivos.

Aplicação prática

- No dia a dia, olhar para além do setor público para cumprir objetivos.
- A parceria é uma ferramenta a mais na solução de problemas.

PESSOAS QUE TRANSFORMAM A SAÚDE: COMO O PILAR SOCIAL VEM SENDO TRABALHADO NO SETOR

Principal aprendizado

- Perceber a existência de diversos caminhos para se atingir o mesmo objetivo: enquanto um hospital resolveu trabalhar com a telemedicina em vazios assistenciais, o outro optou por trabalhar o desenvolvimento de líderes internamente.

Aplicação prática

- Diante de um problema, o fato de saber que é possível desenvolver ideias completamente distintas para chegar num mesmo desfecho proporciona maior senso de liberdade para pensar em soluções inovadoras e com grande potencial de impacto.

A TRANSFORMAÇÃO DO SISTEMA DE SAÚDE PARA ATINGIR A VBHC – CASES INTERNACIONAIS

Principal aprendizado

- A importância da colaboração com diversos stakeholders e a educação desse público sobre o propósito da VBHC.

Aplicação prática

- Dedicar mais atenção na hora de definir os parceiros envolvidos nos projetos.
- Mais atenção à comunicação com os stakeholders, alinhando as expectativas e objetivos do projeto.

**Eduarda Whitaker Honorato**

Enfermeira especializanda do PROAHSA/HCFMUSP

TRANSIÇÃO PARA UM MODELO DE GESTÃO DA SAÚDE BASEADO EM VALOR: DESAFIO E EVOLUÇÃO**Principal aprendizado**

- Embora o caminho para a implementação completa do VBHC no SUS seja desafiador, essas iniciativas representam passos importantes em direção a cuidados de saúde de melhor qualidade e mais eficientes no Brasil.

Aplicação prática

- A premissa de que medir desfecho e avaliar dados é só o primeiro passo.
- É necessário transformar esses indicadores em ações efetivas.

VBHC NA PRÁTICA: MELHORIA DA QUALIDADE IMPULSIONADA PELOS DESFECHOS | CASES ANAHP**Principal aprendizado**

- É necessário adaptar as estratégias de VBHC ao contexto local, reconhecendo as necessidades específicas da população.
- A satisfação do paciente é um indicador-chave do sucesso.

Aplicação prática

- Medir resultados é uma prática essencial, promove transparência, ajuda a avaliar o desempenho e fornece dados para aprimorar o cuidado.
- Importância do compromisso e engajamento de profissionais de saúde e gestores é essencial para uma implementação bem-sucedida.



Henrique Seiji Furukawa



Médico residente do PROAHSA/HCFMUSP

RUMO À COALIZÃO DA SAÚDE: NÃO EXISTE QUALIDADE SEM EQUIDADE – O QUE PRECISAMOS MUDAR E COMO PRECISAMOS FAZER

Principal aprendizado

- A desigualdade deve ser mensurada e as falhas de equidade podem ser reportadas e medidas com dados.
- Para entender os dados acerca da desigualdade é preciso coletar, analisar e divulgar.

Aplicação prática

- Falhas ou erros de equidade devem ser reportados e incorporados nos dados de segurança e qualidade em saúde.
- Essencial entender a desigualdade a partir de dados e trabalhar soluções com base em informação.

CASES DE SUCESSO – COMO O SETOR SAÚDE VEM AMPLIANDO AS INICIATIVAS FOCADAS EM SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

Principal aprendizado

- Dimensão do impacto do setor da saúde no meio ambiente.
- Se o setor da saúde fosse um país, seria o 5º maior emissor de gases do efeito estufa.
- Serviços de saúde devem entender sua responsabilidade em relação ao meio ambiente.
- Há iniciativas já em prática para o desenvolvimento sustentável.

Aplicação prática

- Avaliação dos impactos ambientais em novos projetos dentro do hospital.
- Buscar indicadores de poluição ambiental nos processos já realizados.
- Buscar soluções que reduzam o impacto ambiental causado pelo hospital.

DESAFIOS ÉTICOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA SAÚDE

Principal aprendizado

- A inteligência artificial já está sendo utilizada em diversos contextos da saúde para apoio diagnóstico e educação.
- É necessário que gestores busquem conhecimento acerca dessa ferramenta para que ela seja utilizada de forma mais segura e justa.

Aplicação prática

- Na prática, a inteligência artificial já pode ser utilizada para auxiliar na gestão de hospitais e serviços de saúde, por exemplo, na organização de dados e indicadores.
- É necessário cautela ao utilizar esses dados na inteligência artificial, de forma a garantir privacidade e segurança.



Isabella Peres Zanfra

Médica residente do PROAHSA/HCFMUSP



CASES DE SUCESSO | INTEGRAÇÃO PÚBLICO-PRIVADA NA PRÁTICA

Principal aprendizado

- Existe espaço para parcerias público-privadas de qualidade, que beneficiam a população e fortalecem o SUS.
- Processos de gestão transparentes e que geram informação de qualidade podem servir como regulador da atuação das empresas e dos serviços prestados.

Aplicação prática

- Analisar sob outras lentes as parcerias público-privadas.
- Levar em consideração os diversos modelos de gestão que existem, considerando suas peculiaridades, aplicabilidade e potenciais benefícios para a população.

UMA RELAÇÃO DE DESCONFIANÇA QUE NÃO CABE MAIS: COMO EVOLUIR EM MODELOS ASSISTENCIAIS MAIS EFICIENTES E NOVOS MODELOS DE REMUNERAÇÃO?

Principal aprendizado

- A saúde suplementar tem suas próprias questões a serem debatidas e melhoradas.
- Ainda há muito campo para o trabalho de gestores na saúde e grande parte desse trabalho envolve informação, transparência e, especialmente, a construção de relações de confiança entre os entes do setor.

Aplicação prática

- Além de compreender as várias dimensões do nosso complexo sistema de saúde, precisamos nos debruçar sobre as questões da saúde suplementar.
- Ampliar a visão do que pode contribuir com os processos de gestão.

A RESPONSABILIDADE DO MÉDICO PARA A SUSTENTABILIDADE DO SISTEMA DE SAÚDE

Principal aprendizado

- O reconhecimento de que a medicina acompanha as mudanças da sociedade.
- A medicina, por ser uma ciência, possui verdades transitórias.
- A atualização, capacitação e estudo constante são qualidades importantes para destacar-se em um mercado e trabalho que talvez se torne saturado nos próximos anos.
- O médico tem papel central nas tomadas de decisão que têm impacto direto no modo como se produz saúde no Brasil.

Aplicação prática

- No trabalho de gestão em saúde, é importante ter em vista o controle de qualidade dos profissionais e da assistência.
- É primordial trabalhar com indicadores, produção de dados, educação médica e transparência.



Kyannie Risame Ueda da Mata  

Fisioterapeuta especializanda do PROAHSA/HCFMUSP

TRANSFORMAÇÃO DIGITAL COMO UM NOVO MODELO DE GESTÃO: O QUE O SETOR ESTÁ FAZENDO PARA LIDAR COM O ATRASO DIGITAL NA SAÚDE?

Principal aprendizado

- A transformação digital vai além da tecnologia, envolve mudança de cultura.
- A resistência à mudança pode atrasar a melhoria da qualidade e o acesso ao cuidado.
- A inteligência artificial pode ser uma ferramenta valiosa desde que usada de forma inteligente e complementar.
- A transformação digital é uma jornada contínua que requer educação dos profissionais, investimento em qualidade de dados e abordagem estratégica.

Aplicação prática

- Nos primeiros passos, considerar a importância da mudança cultural e trabalhar a conscientização das equipes.

POR QUE ESG SE TORNOU TÃO IMPORTANTE PARA AS EMPRESAS

Principal aprendizado

- A integração ESG exige participação de todos.
- ESG traz benefícios e é um fator positivo no desempenho das empresas e da sociedade como um todo.
- A importância de adotar e integrar os princípios do ESG em todas as áreas da saúde.

Aplicação prática

- A integração do ESG é tendência crescente quando se pensa em promover uma gestão mais sustentável, responsável e orientada para o impacto positivo.

COMO O PILAR GOVERNANÇA VEM SENDO TRABALHADO NO SETOR

Principal aprendizado

- A importância de ferramentas como o Sistema de Indicadores Hospitalares da Anahp, que colabora com indicadores em diversas áreas do setor e auxiliam gestores em tomadas de decisão.
- A importância da avaliação de fornecedores na eficiência operacional da cadeia de suprimentos e informações assertivas e transparência.

Aplicação prática

- Pensar na melhoria da cultura de mensuração e análise de dados por meio de indicadores.
- Estratégia para otimizar recursos e melhorar o cuidado.
- Usar indicadores para análise adequada de dados e tomar decisões mais eficazes.



Mariana Taddeo

Especializanda em Administração em Saúde do PROAHSA/HCFMUSP



HÁ DISPOSIÇÃO DO SETOR PARA PROMOVER AS MUDANÇAS PROFUNDAS E ESTRUTURANTES QUE A SAÚDE SUPLEMENTAR PRECISA? POR ONDE COMEÇAR DE FORMA PRÁTICA?

Principal aprendizado

- Precisamos rever questões estruturais com base no diálogo para evoluir.
- Temos um compromisso com as gerações futuras.
- Sempre “olhar para a floresta e não para a própria árvore”.

Aplicação prática

- Novos planos podem focar na relação médico-paciente e buscar oferecer o que o paciente precisa.

- Práticas Integrativas Complementares em Saúde (PICS) não são valorizadas por não terem alta tecnologia agregada – o conflito é cultural, já que existe o pensamento de que, “se vou pagar por isso, que seja por alta tecnologia”.

LANÇAMENTO DO PROGRAMA LIDERANÇAS, PROMOVIDO PELA ASSOCIAÇÃO VOLUNTÁRIOS DA SAÚDE PARA AS SANTAS CASAS DE SP

Principal aprendizado

- Importância de desenvolver parcerias e laços entre as instituições.

Aplicação prática

- Persistência dos colaboradores da mesa e a esperança da Associação Voluntários da Saúde de democratizar o conhecimento em gestão e contribuir com o setor público.

CURA: O GRANDE IMPERATIVO DO NOSSO TEMPO

Principal aprendizado

- Questionamentos sobre o mundo do trabalho atual e seu impacto na vida de todo o planeta, incluindo a sustentabilidade da vida na Terra

Aplicação prática

- Quando gestora, aproveitar os aprendizados para criar valores positivos onde trabalhar, considerando se causo sofrimento ou cura
- Utilizar o conceito de “pertinência dos cuidados”, questionando padrões impostos e estar atenta a empresas que possuem propósito maiores do que o lucro



Natalia Borges Cardin



Médica residente do PROAHSA/HCFMUSP

INTEGRAÇÃO DE DADOS NA SAÚDE, PRONTUÁRIO ÚNICO DO PACIENTE: COMO FAZER?

Principal aprendizado

- Complexidade e importância da integração de dados na saúde.
- Compreender a necessidade de padrões, regulamentações e proteção de dados para garantir qualidade da assistência e a privacidade de pacientes.
- A integração de informações num país como o Brasil demanda esforços coordenados em diferentes níveis, desde municipal até federal.

Aplicação prática

- Seria benéfico ter acesso à trajetória completa do paciente assim que seu prontuário for aberto.
- Necessidade de um plano abrangente e bem estruturado, começando no nível municipal e, depois, estendendo-se para estados e esfera federal.
- Interesse em mais estudos sobre o assunto, principalmente a complexidade de se implantar algo único em um país tão diverso.

A ATUAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES HOSPITALARES PARA INCENTIVAR COMPORTAMENTOS ÉTICOS E CONSCIENTES

Principal aprendizado

- A importância de promover cultura ética nas instituições hospitalares envolvendo médicos e equipe administrativa.
- A integração, comunicação e avaliação contínua de desempenho do médico são fundamentais.
- A ética não deve ser vista como estática, mas como um princípio em constante evolução.

Aplicação prática

- Implementação efetiva de canais de denúncia anônimos.
- Promover cultura ética contínua dentro das instituições.
- Debate regular sobre a cultura ética, reforçando seu papel central na instituição e buscando torná-la parte perene de sua identidade.

A FORMAÇÃO MÉDICA E SEUS IMPACTOS PARA UM SISTEMA DE SAÚDE ÉTICO, QUALIFICADO E EFICIENTE**Principal aprendizado**

- A ênfase na formação médica que vai além dos conhecimentos técnicos, abrangendo aspectos éticos, habilidades interpessoais e a capacidade de aprendizado contínuo ao longo da carreira médica.
- Desenvolvimento de habilidades interpessoais durante a faculdade é uma lição que não pode ser totalmente absorvida apenas por meio de livros.

Aplicação prática

- Ênfase na colaboração em equipes multidisciplinares desde os primeiros anos do curso é um componente vital para a formação de médicos altamente qualificados e éticos, com impacto significativo tanto na prática clínica quanto na educação em saúde.
- Implementar uma prova como requisito para o ingresso na carreira médica pode servir como um meio de avaliar os conhecimentos essenciais necessários para uma prática médica segura e eficaz.

ATIVIDADES INTERATIVAS E FÓRUM DE DISCUSSÕES MARCAM DIA ANTERIOR AO CONGRESSO

Durante pré-Conahp, dois eventos reuniram participantes para abordar saúde baseada em valor e liderança na Enfermagem

Esta edição do Conahp 2023 também contou com uma programação exclusiva que antecedeu o congresso, abordando de forma prática a saúde baseada em valor e levantando temas relacionados à assistência, nos chamados “pré-Conahp”. Com o objetivo de complementar o conteúdo oferecido no congresso, os dois eventos adotaram formatos diferentes, sendo um *workshop* e um fórum de discussões.

A sede da Anahp, em São Paulo, recebeu, no dia 17 de outubro, um *workshop* sobre VBHC, que contou com a parceria da Viatrix para a realização, além da curadoria de conteúdo da Mak Valor e da Academia VBHC. O encontro destinou-se aos colaboradores de hospitais que fazem parte do Programa de Desfechos Clínicos da Anahp, totalizando 14 instituições participantes: A.C.Camargo Cancer Center, AACD, Albert Eins-

tein, BP, Hcor, Mãe de Deus, Moinhos de Vento, Oswaldo Cruz, Samaritano Higienópolis, Santa Catarina – Paulista, Santa Paula, São Camilo Pompeia, São Luiz – Unidade Anália Franco e Sírio-Libanês.

Conduzido pelos especialistas que são referência na área, Marcia Makdisse, sócia-fundadora da Academia VBHC, e Ary Ribeiro, diretor-executivo na Elibré Clínica de Saúde Mental, o *workshop* promoveu



Participantes do Programa de Desfechos Clínicos da Anahp estiveram no *workshop* sobre saúde baseada em valor

atividades interativas para que os participantes discutissem como estão sendo utilizados os resultados de desfechos mensurados em suas organizações, além de conhecerem cases já implementados.

No encerramento do encontro, uma das atividades provocou os participantes a pensarem em como avançar na agenda de valor em benefício das pessoas, organizações e sistema de saúde como um todo, e no direcionamento de proposições e soluções para que o tema possa ser efetivamente incorporado nas instituições.

Também neste dia, mas agora no auditório do Hcor, ocorreu a segunda edição do Fórum Anahp de Lideranças de Enfermagem, que reuniu 146 pessoas para debaterem sobre o papel da equipe assistencial na sustentabilidade do sistema de saúde.

A programação contou com a participação de diversos especialistas nacionais da área, como Camila Nascimento (Oswaldo Cruz), Euclides Domingues Garcia Florentino (Hospital Santa Catarina – Paulista), Priscila Rosseto (BP), Rodrigo Cordesco de Siqueira (Albert Einstein), Sidiclei Ma-

chado Carvalho (Moinhos de Vento), Vivian Vieira Rodrigues (Hcor), Wania Baia (Sírio-Libanês), além da palestrante norte-americana Karen A. Grimley (UCLA Health).

Entre os temas que marcaram o encontro estão debates sobre a importância da eficiência assistencial em momentos de crise, os impactos do *turnover* e do absenteísmo no cuidado ao paciente, como a inteligência artificial pode contribuir com os processos de enfermagem, a responsabilidade da liderança na experiência do paciente, a gestão assistencial com foco em desfechos e o impacto da certificação Magnet – programa desenvolvido pela American Nurses Credentialing Center (ANCC) para reconhecer organizações de saúde que oferecem o melhor cuidado de enfermagem – para a área.

Além da valorização da equipe assistencial, outro fator que se mostrou fundamental ao longo da programação do evento é a comunicação com os pacientes durante a utilização dos serviços hospitalares, não apenas para impactar na satisfação, mas também na redução da ansiedade, na melhoria na adesão ao tratamento e na segurança do paciente.



Cerca de 150 participantes marcaram presença na segunda edição do Fórum Anahp de Lideranças de Enfermagem


NOITE DE CONFRATERNIZAÇÃO

ANTECEDE O CONAHP

O encontro de grandes líderes e autoridades da saúde promovido pelo Conahp 2023 começou uma noite antes do evento, no já tradicional jantar de confraternização, que nesta edição contou com o patrocínio da MV Sistemas. A noite reuniu 156 convidados entre associados, parceiros, patrocinadores e parlamentares. O encontro aconteceu em São Paulo, no restaurante Villa Bisutti Cardoso de Melo.



[CLIQUE AQUI PARA CONFERIR MAIS FOTOS DESTA ENCONTRO](#)


Mais Valor para a Saúde

CONAHP
Congresso Nacional
de Hospitais Privados 2023



GRANDES NÚMEROS DO CONAHP 2023

A Anahp agradece a todos que fizeram a parte desse encontro de diálogo, conexão e construção que se mostrou fundamental no cenário de crise que vivemos.

Esta é, sem dúvida, uma grande conquista da saúde suplementar e reforça o compromisso da Associação em contribuir para a evolução da saúde no Brasil.

Compartilhamos, agora, os números que atestam o sucesso desta edição tão especial:



Em 2 dias, reunimos
5.396 pessoas no congresso



5 palcos



516 trabalhos inscritos
na Sessão Pôster



115 palestrantes
entre nomes nacionais e internacionais



25 startups inscritas
no Desafio de Inovação Conahp 2023



45 horas de conteúdo
da mais alta qualidade



111 parceiros e patrocinadores

Clique abaixo e confira o vídeo de cobertura do Conahp 2023!



CONHEÇA OS PATROCINADORES QUE FIZERAM PARTE DO CONAHP 2023

Parceiros

DIAMOND

bionexo

Hospitalar
By Informa Markets

TOTVS

UNICRED

WHITE MARTINS
A Linde company

Wolters Kluwer

GOLD

AstraZeneca

BD
Impulsionando o
mundo da saúde

DANONE
ONE PLANET. ONE HEALTH

FCamara

medportal

SISNACMED

sodexo
SAÚDE

VERZO
PADRONIZAÇÃO ESTRATÉGICA NA SAÚDE

Patrocinadores

PREMIUM

ABIMO
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA
DE DISPOSITIVOS MÉDICOS

CLOUDSAÚDE
moving healthcare forward

Medtronic

Mais Valor para a Saúde

PHILIPS
WALITA

SANTA MONICA
CAFÉ GOURMET

VIATRIS

SPECIAL



SPONSOR





STANDARD





Strattner

tascom



wareline
tecnologia em saúde

APOIO

4BIO
A vida em primeiro lugar

abramge

ASSOCIAÇÃO
VOLUNTÁRIOS
DA SAÚDE

BeValue
Ensino e Consultoria em Saúde
Value-Based Health Care

ENGEFORM
ENGENHARIA

FGV EAESP
CENTRO DE ESTUDOS
EM PLANEJAMENTO
E GESTÃO DE SAÚDE

JLS HOSPITALAR
A HEALTHCARE ENGINEERING COMPANY

osana

Senac

senne
liquor
diagnóstico

Parceria Estratégica

Hospitalar
By Informa Markets

Apoio Institucional

Abramed
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MEDICINA DIAGNÓSTICA

cbexs

FEDERAÇÃO
BRASILEIRA DE
ADMINISTRADORES
HOSPITALARES
FBAH

FEHOFES
FEDERAÇÃO DAS SANTAS CASAS E HOSPITAIS
PLANTÓTIPOS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

fehosp
Federação das Santas Casas
e Hospitais Beneficentes do
Estado de São Paulo

Global Summit
TELEMEDICINE &
DIGITAL HEALTH APM
2023

sind
hosp
hospitais
clínicos
laboratórios

SOBRASP
Sociedade Brasileira para a Qualidade
do Cuidado e Segurança do Paciente